

Franklin Cassiano



# *Crisálidas*

Cristina Campos (Org.)





*Crisálidas*







Franklin Cassiano



# *Crisálidas*

Cristina Campos (Org.)



© Franklin Cassiano da Silva, 2021.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa da organizadora e da editora (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610 )

---

C435c

Cassiano, Franklin.

Crisálidas./ Franklin Cassiano; Cristina Campos (Org.).

1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.  
128 p.

ISBN 978-65-88600-44-3

1. Literatura. 2. Poesias. I. Campos, Cristina (Org.).  
II. Título.

CDU 82

---

Índices para catálogo sistemático:  
1.Literatura – Poesia - 82

### **Editores**

Ramon Carlini

Elaine Caniato

### **Diagramação e Tratamento de Imagens**

Doriane Miloch

### **Capa**

Marcelo Cabral

### **Estabelecimento de Texto / Revisão**

Cristina Campos



**Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)**

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul – CEP: 78020-122  
Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

[www.carliniecaniato.com.br](http://www.carliniecaniato.com.br) - [contato@tantatinta.com.br](mailto:contato@tantatinta.com.br)



## Sumário

Apresentação.....	7
Franklin Cassiano – Biografia.....	9
O ‘Poeta das Crisálidas’ .....	26
Crisálidas, o Livro.....	29
Referências .....	33
Crisálidas – Poesias.....	35
Primeira Parte.....	37
Segunda Parte .....	51
Terceira Parte.....	67
Quarta Parte .....	107







## Apresentação

Cristina Campos<sup>1</sup>

Em 2015, quando ingressei na Academia Mato-grossense de Letras (AML), ao preparar o discurso inaugural naquele sodalício, recebi em mãos cópias dos originais ainda inéditos *Crisálidas*, de Franklin Cassiano, e *Grupiaras*, de Ulisses Cuiabano, poetas que me antecederam na cadeira 16. Assumi internamente o compromisso de batalhar para que fossem publicados. A aprovação do projeto apresentado em 2020 ao Edital MT Nascentes, da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Mato Grosso (Secel-MT), resultado do fomento da Lei Aldir Blanc, possibilitou-me concretizá-lo, portanto sou grata aos governos do Estado de Mato Grosso e da União, através da Lei Aldir Blanc, e também aos familiares, amigos e confrades da AML que gentilmente colaboraram com informações, textos, documentos e fotos que alimentaram e enriqueceram a pesquisa<sup>2</sup>.

Ao levantar a biografia dos dois amigos, impressionaram-me as afinidades e coincidências marcantes em suas trajetórias de vida: perdas trágicas e precoces; os dois moraram na mesma casa (de Luiz Cuiabano); foram colegas no Liceu Cuiabano; abraçaram o magistério e se dedicaram ao teatro, jornalismo e literatura (tendo o Romantismo como principal opção es-

oooooooooooooooooooo

1 Pesquisadora e escritora.

2 Gratidão especial a Anna Luíza da Silva Barbosa, Marina Barbosa Fachetti, Eliane Silva Fleury, Milton Gustavo Fleury, Márcia Freire da Silva Oliveira, Luiz Augusto Moreira, Gilberto Canavarros Nasser, Eduardo Bussiki Cuiabano, Elizabeth Madureira Siqueira, Eduardo Mahon, Ramon Carlini e Doriane Miloch.



tética, com semelhanças na produção formal); pertenceram à AML a ao Instituto Histórico de Mato Grosso (IHMT); casaram-se duas vezes e enviuvaram, falecendo ambos no dia do aniversário de suas respectivas esposas; os títulos enxutos das obras *Crisálidas* (concluída em 1940) e *Grupiaras* (concluída em 1950) remetem a algo escondido, em gestação, ou ainda por descobrir; não por acaso, permaneceram inéditas por dezenas de anos e somente agora foram produzidas em conjunto, padronizadas com o mesmo projeto gráfico.



Franklin Cassiano.

Acervo de Márcia Freire da Silva  
Oliveira.



## Franklin Cassiano – Biografia

Franklin Cassiano da Silva nasceu na cidade de Corumbá- MT, no dia 1º de maio de 1891. Perdeu prematuramente os pais, Luís Cassiano da Silva e Ana Luíza Bastos da Silva. Junto com dois irmãos, Octávio Cassiano da Silva e Otília Cassiano da Silva, passou a morar com os tios, Major André Avelino de Oliveira e Anna Luíza Bastos Oliveira, que os criaram com muito carinho.

Segundo Eliane Silva Fleury, neta de Franklin, Otília morreu jovem, de modo trágico: “Estava no campo assistindo ao abate de uma vaca, quando um raio atingiu uma bocaiueira, que caiu em cima dela!”.





Casa de Lulu Cuiabano, de dois ângulos. Atrás da primeira foto, avista-se o prédio da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT – Campus Cuiabá).

Acervo de Luiz Augusto Moreira.



Luiz Cuiabano e a esposa, Luíza Ponce Bastos Cuiabano.

Acervo de Luiz Augusto Moreira.





Anos depois, Franklin e seu irmão mudaram-se para Cuiabá, a convite de Luiz Pereira Cuiabano (irmão de Ulisses Cuiabano e Posidônio Cuiabano – avô de Ivens Cuiabano Scaff) e da esposa, Luíza Ponce Bastos Cuiabano, prima de Franklin, que os acolheram como filhos. Eles moravam na rua Mal. Floriano Peixoto, numa casa de esquina com a praça Antônio Correa, atrás da igreja da Boa Morte, então conhecida como rua da Piçarra. Anna Luíza se lembra de que a rua começava no Liceu Cuiabano, constituía uma ladeira e, como o próprio nome diz, era solo laterítico com presença de ouro de aluvião, onde as pessoas, sobretudo as crianças, se divertiam catando as pepitas, especialmente após as chuvas.

Franklin Cassiano cursou o segundo grau no Liceu Salesiano São Gonçalo e, depois, no Liceu Cuiabano, onde foi colega de Ulisses. Nesse período, conviveram intensamente, iniciando, nas palavras do amigo, uma “indissolúvel e cordial união durante dilatados anos” (CUIABANO, 1941-1942, p. 93).



O adolescente Ulisses Cuiabano e o jovem Franklin Cassiano.

Acervos de Eduardo Bussiki Cuiabano e Anna Luíza da Silva Barbosa.



Formou-se em Direito, curso que iniciou na Faculdade de Direito de Mato Grosso (1936-1937). Como a faculdade fechou<sup>3</sup>, ele se graduou através de um curso a distância (na época, por correspondência) e obteve autorização para exercer a profissão, mas nunca advogou, pois sua verdadeira vocação era o magistério, ao qual se dedicou impecavelmente por toda a vida. “Carreira verdadeiramente árdua e espinhosa. Somente um predestinado poderia, sem desfalecimentos, trilhá-la até o fim” (CUIABANO, 1940, p. 81). Anna Luíza conta que ele necessitava do diploma para poder lecionar as disciplinas de Psicologia e Pedagogia nos cursos de formação de professores da Escola Normal, por isso se empenhou em concluir a graduação.

Em 1912, assim que terminou os estudos secundários, começou a lecionar, como professor primário adjunto, na Escola Modelo (posteriormente denominada Barão de Melgaço), anexa à Escola Normal Pedro Celestino. Nas palavras de Ulisses (op. cit., p. 81), lá

[...] iniciou essa penosa tarefa de plasmar os cérebros infantis, para que mais tarde a criança se torne um probo cidadão ou um virtuoso elemento feminino da sociedade e da pátria.

---

3 A primeira instituição de ensino superior em Mato Grosso tentou ser instalada em Cuiabá, na década de 1930. Em 18.09.1936, por meio do Decreto-lei nº 87, no segundo governo de Mário Corrêa da Costa, criou-se a Faculdade de Direito de Mato Grosso, subsidiada pelo Estado. Contudo, ela esmoreceu com a promulgação da Constituição Federal de 1937, na esteira do golpe do Estado Novo, perfilado por Getúlio Vargas, mediante as restrições do artigo 159, o qual vedava o acúmulo de cargos públicos remunerados para servidores públicos. Os professores da faculdade eram magistrados ou juristas; após esta restrição legal, optaram pela magistratura e pela promotoria, pois o salário estadual de um professor era baixo. Em consequência disso, a faculdade que ensinava as leis em Cuiabá fechou suas portas (BENFICA, 2019).



Depois, foi designado ao cargo de Auxiliar de Diretoria, na mesma instituição de ensino. Dirigiu os grupos escolares de Miranda, no interior do Estado, e Senador Azeredo, em Cuiabá-MT, de onde saiu para dirigir o Departamento de Instrução Pública do Estado de Mato Grosso. Foi professor de Pedagogia e Psicologia na Escola Normal, e de Psicologia e Lógica no Curso Complementar do Liceu Cuiabano.

É mister possuir uma têmpera especial para enfrentar os mil obstáculos que se antepõem ao mestre-escola, esse humilde e obscuro operário do bem, que muitas vezes se sacrifica para a felicidade de outrem, sem nada auferir para si a não ser a convicção de que bem cumpriu com o seu dever.

Franklin Cassiano, com a sua tendência pedagógica e o seu acendrado amor pelo ensino, foi, de ano em ano, um verdadeiro vencedor de ríspidas refregas. Pelejou nessa lida ingente por dilatados períodos letivos: 28 anos de contínuo labor (ibid., p. 81).

Segundo sua filha Anna Luíza, Franklin foi um pai amoroso, contrariando a austeridade paterna comum à época. Conhecia a fundo a psicologia, aplicando-a não apenas nas escolas em que atuou, mas também em casa, na educação dos filhos. Era autodidata e versátil: poliglota, educador, jornalista, teatrólogo, vernaculista e poeta. Ulisses Cuiabano (1941-1942, p. 101) corrobora isso:

Devotado pai de família, para ela vivia e dedicava toda a sua afeição. Jamais se me apagará da retentiva aquela figura simpática e sempre afável, que soía receber em casa os seus amigos, rodeado de sua esposa e filhos, como um patriarca de velha têmpera, para quem o lar, o doce lar, constituía um sagrado templo.





Franklin Cassiano e Ulisses Cuiabano, os dois últimos em pé, à direita, provavelmente no Centro Matogrossense de Letras.

Acervo de Anna Luíza da Silva Barbosa.

Sócio fundador do Centro Matogrossense de Letras (que se tornou, mais tarde, a Academia Mato-grossense de Letras), Cassiano ocupou, por último<sup>4</sup>, a cadeira 16; e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, desempenhando em ambos o cargo de tesoureiro, sempre colaborando com as revistas das referidas instituições. Também foi membro da

4 Na sua fundação, em 1921, o Centro Matogrossense de Letras contava com 12 sócios fundadores, que criaram 24 cadeiras e nomearam seus patronos. O critério desta nomeação foi a ordem alfabética. Franklin Cassiano da Silva, então, ocupou a cadeira 20, tendo por patrono Antônio Augusto Ramiro de Carvalho. O Centro tornou-se Academia Mato-grossense de Letras no dia 07.09.1932. Em outubro do mesmo ano, o número de cadeiras foi ampliado para 30, ocorrendo um rearranjo em sua numeração, cujo critério se tornou a antiguidade dos patronos. Assim, Franklin passou a ocupar a cadeira 10. Em 1944, uma nova mudança ocorreu, pois a AML buscou se equiparar à Academia Brasileira de Letras, que, por sua vez, se espelhava no modelo francês e o número de cadeiras subiu para 40. Assim, 10 novos patronos foram acrescidos e Franklin ocupou, definitivamente, a cadeira 16 (SIQUEIRA, 1996, p. 15-34).



Academia Sul-mato-grossense de Letras, ocupando a cadeira 36, além de pertencer ao Grêmio Álvares de Azevedo, em Cuiabá-MT.

Ele se casou duas vezes. A primeira união matrimonial se deu com Amália Monteiro da Silva, com quem teve cinco filhos: Elzira Monteiro da Silva, Luís Cassiano da Silva, Lísia Monteiro da Silva, Enio Cassiano da Silva e Hilton Cassiano da Silva. Segundo os familiares, em 1924, dois meses após dar à luz ao seu quinto filho, Amália apanhou chuva durante o resguardo, contraiu tuberculose e então faleceu vítima dessa doença.

O segundo casamento se deu com a também viúva Tabita da Costa e Silva, com quem teve dois filhos: Anna Luíza da Silva Barbosa e João Lopes da Silva, mais conhecido pelo apelido, Jango.

No bairro Duque de Caxias, em Cuiabá, existe a rua Franklin Cassiano da Silva e, em Campo Grande-MS, também há a rua homônima, na vila Manoel Taveira – uma justa homenagem a ele prestada.

Franklin Cassiano com a segunda esposa Tabita e os filhos João e Anna Luíza.

Acervo de Anna Luíza da Silva Barbosa.





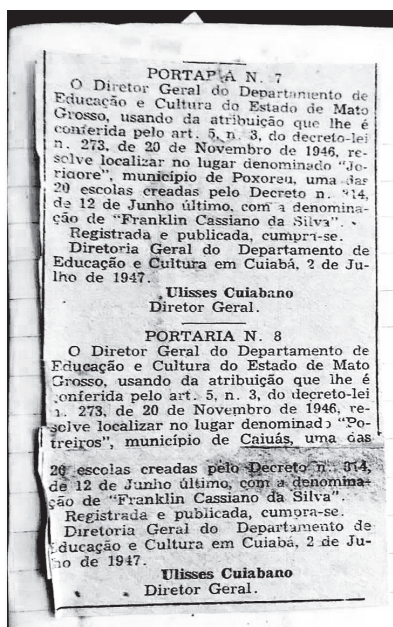
Inúmeras escolas públicas de Mato Grosso receberam o nome do poeta. O governador do Estado Arnaldo Estevão de Figueiredo, através do Decreto nº 314, de 12.06.1947, criou 20 escolas de instrução primárias, distribuídas por diversos municípios mato-grossenses. O art. 2º deste Decreto determinou o seguinte:

**Art. 2º.** Como homenagem póstuma ao emérito educador Franklin Cassiano da Silva, um dos baluartes da difusão do ensino, das escolas que forem criadas, em cada município, uma delas receberá a denominação de 'FRANKLIN CASSIANO DA SILVA' (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE MATO GROSSO, 1947).

Ulisses Cuiabano, então Diretor Geral do Departamento de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, fez cumprir o Decreto através de Portarias, criando as referidas escolas em Água Quente, distrito de Leverger; Estação Camisão, município de Aquidauana; Joana de Cimo, em Cuiabá; Mutum, à margem do ribeirão Pari, distrito de Rosário Oeste; Jaridore, município de Poxoréu; e Potreiros, município de Cauás. Dessa forma,

o seu nome jamais se apagará da galeria luminosa dos professores mato-grossenses, e os seus vestígios didáticos, gravados imperecedouramente nos seus criteriosos discursos de paraninfo nos seus numerosos relatórios oficiais e em seus apontamentos escolares, hão de servir de alicerce, seguro e sólido, para quem se propuser a estudar a esclarecida personalidade de Franklin Cassiano nos diversos ramos em que empregou as suas atividades, como educador, jornalista, poeta, teatrólogo e vernaculista (CUIABANO, 1940, p. 81-82).





Recortes de jornais com o Decreto governamental e as Portarias nomeando as escolas mato-grossenses Franklin Cassiano da Silva.

Acervo de Anna Luíza da Silva Barbosa.

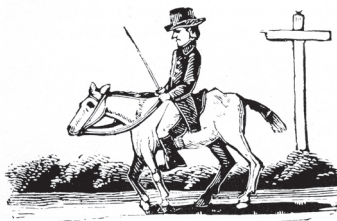
Como jornalista, colaborou com vários periódicos do Estado: *A Imprensa*, *O Mato-Grosso*, *A Liça*, *A Violeta*, *O Revérbero*, *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Democrata*, e outras folhas locais. Usava os pseudônimos Amilcar Santos, Aluízio Dinar-te e, como Herodes de Souza, compôs poesias humorísticas de fina crítica, “[...] metendo à bulha os políticos de então, adversários do *perrenguismo*”, publicadas principalmente em *A Liça*, sob a direção de Alcebiades Calhao.

Nessa tarefa um tanto árdua, adquiriu Herodes de Souza alguns desafetos, movidos, como se achavam, pela paixão partidária, talvez a mais tremenda de todas as paixões humanas (CUIABANO, 1941-1942, p. 96).



Eu também possuo este hábito. Vou ao Arquivo Público e fico horas a fio a repassar velhas coleções dos nossos jornais.

Geralmente procuro as crônicas e as poesias que satirizam os nossos homens públicos. Existem poesias satíricas, algumas mal feitas e outras com ofensa pessoal. Depende do autor. As poesias de Vilasboas, Aprigio dos Anjos, Otávio Cunha, Franklin Cassiano da Silva, Amarílio Novis e Euricles Mota são poesias irônicas. Não contém insultos. Foram feitas para fazer rir, porque já dizia Rabelais: “Riez! Riez! Car le rire est le propre de l’homme!”.



Trecho do livro *Sátira na política de Mato Grosso*, de Rubens de Mendonça, no qual comenta sobre a produção poética humorística de cunho político de Franklin Cassiano, sob o pseudônimo Herodes de Souza.

Fonte: MENDONÇA, 1978, p. 113.

Franklin também participou ativamente da confecção da *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Além disso, dirigiu a revista *Civilização*, junto com o Dr. Peri Alves de Campos e Alberto de Castro.

Na imprensa regional, deixou trabalhos de crítica literária, como os escritos sobre os livros: *Terra do berço*, de José de Mesquita; *Frei André*, de Jerici Jacó; *Discursos*, de Generoso Ponce Filho; *Poemas e poeiras*, de Alírio de Figueiredo; *Esboço de história da Literatura Brasileira*, de Nilo Póvoas, e publicou os contos: ‘Dominó negro’ e ‘A tia de Alice’.

Como vernaculista, Franklin mostrou interesse pelo falar cuiabano e situações típicas, curiosas e engraçadas vivenciadas pelas pessoas da terra. Registrou, em várias peças teatrais que escreveu, a figura do então denominado “caipira”, personagem valorizado por ele.

Foi pioneiro no estudo e registro do linguajar cuiabano, publicando *Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato-*



-*Grosso* (Cuiabá: Calhao e Filho, 1921), com duas reedições: a primeira encontra-se como apêndice no livro *Do falar cuiabano*, de Maria Francelina Ibrahim Drummond, que compôs o número 5 da série Cadernos Cuiabanos, editados em 1978 pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, organizados por Carlos Rosa; a segunda foi ofertada de brinde aos assinantes do jornal *A Gazeta*, em 1995.

Franklin Cassiano também se dedicou ao teatro – um importante aspecto de sua obra ainda pouco conhecido e estudado. Compôs,

[...] desde as primeiras peças, com passos seguros e com surpreendente técnica do palco, algumas obras que marcaram ruído e sucesso na ocasião da sua pública exibição, todas elas apresentadas em cenas, em repetidos espetáculos (CUIABANO, 1941-1942, p. 97).

Na Cuiabá de seu tempo, eram usuais as produções teatrais, tanto nas escolas quanto nos espaços culturais e populares da cidade. Muitos de seus espetáculos foram encenados por alunos e atores amadores, portanto pode-se afirmar que ele já trabalhava com Arte-Educação no início do século XX.

Ulisses Cuiabano (op. cit., p. 97) situa o teatro de sua época do seguinte modo:

O teatro cuiabano, hoje, todo entregue aos peregrinos artistas ambulantes que, de vez em quando, aqui aportam, em excursões circenses, ou à iniciativa de colegiais, de duração precária e passageira, já teve os seus dias de efervescência e de entusiasmo.

Épocas houve em que a nossa culta sociedade assistiu a espetáculos brilhantes, em cenário movimentado por amadores patricios, cujos pendores para a arte eram apreciáveis.



Nesses períodos de animação e de interesse pela custosa cerimônia de gosto altamente espiritual sob a tutela mitológica de Talia e de Melpômene, alguns ensaístas da cena temos possuído, cujos trabalhos teatrais foram devidamente apreciados e aplaudidos. Pena é que um Philogoneo Corrêa, um Indalécio Proença, de saudosa memória, um Manuel Cuiabano, um Francisco Corrêa Filho, um Amarílio Novis não tivessem prosseguido pela senda atraente do ramo literário que nos pinta, ao vivo, as mais variadas passagens da existência humana. Produziram, todos eles, as suas primícias, avidamente sorvidas pela nossa culta plateia, e se ficaram silenciosos, num condenável mutismo.

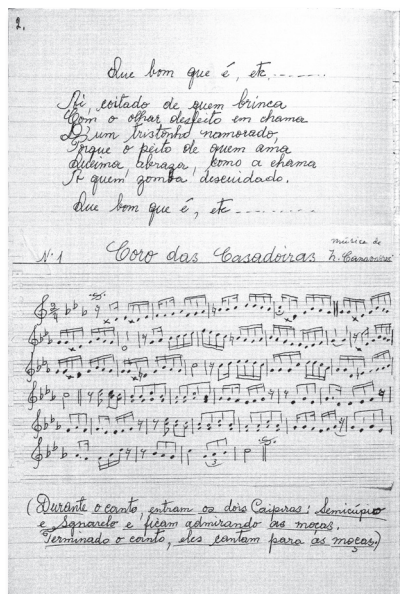
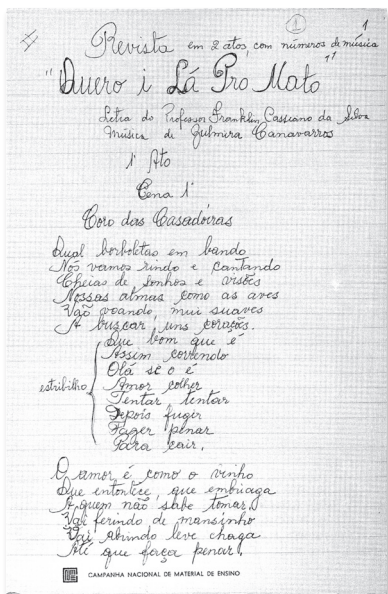
Segundo Ulisses Cuiabano (op. cit., p. 97-98), Franklin Cassiano escreveu e produziu:

- **1918** – *Progresso na zona*, escrita em parceria com Philogônio de Paula Corrêa: revista de costumes locais, em dois atos, muito bem recebida pela plateia, em temporada teatral dirigida por Charles Florence.
- **1920** – *Cá entre nós* – em parceria com Ulisses Cuiabano: revista de dois atos, musicada por Zulmira Canavarros, apresentada por um grupo de jovens amadores cuiabanos.
- **1924** – *Quero i lá pro mato* – com a colaboração musical de Zulmira Canavarros: revista em dois atos de sabor caipira.
- **1926** – *Nhô Chico foi barrado* – em parceria com Maneco Cuiabano: burla.
- **[19--]** – *Cuiabá por dentro* – revista, na qual compôs sozinho uma canção, pois na ocasião Zulmira se encontrava enferma.
- **1931** – *Baile na Goiabeira* – comédia.

Além de interessantes palestras e trovas caipiras, ele retratou “pequenas cenas com que preenchia os seus atos variados” (ibid., p. 97-98). Ulisses ainda conta que:



[...] a sua última revista, cujo nome ignoro, não chegou a ser levada à cena, pois *bulia* com os políticos da época, e nesse tempo era interventor em Mato Grosso o Cel. Mena Gonçalves. Franklin guardou avaramente os originais da peça, talvez murmurando, entre dentes: ‘Cadeia não foi feita pra cachorro [...]’ (ibid., p. 98).

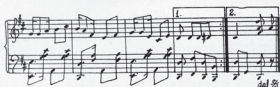
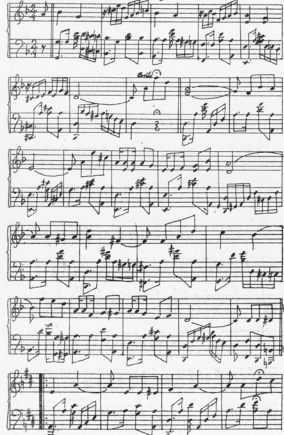


Páginas da revista 'Quero i lá pro mato', transcritas por Zulmira Canavarros.

Fonte: DORILÊO, 2016, p. 128-129.

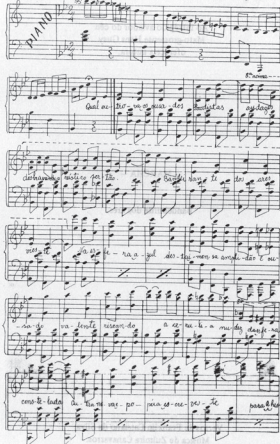
A produção teatral demanda a reunião de um grupo para criar, produzir e atuar. Na época, era comum que as peças fossem musicadas. Nesse sentido, Franklin se associou a Zulmira Canavarros, sua vizinha. Ele escrevia as letras e ela as musicava, de modo que, hoje, muitas das composições populares frutos dessa parceria ainda emocionam as pessoas, como, por exemplo, 'Recordação de um amor', executada inúmeras vezes pela orquestra da UFMT e também em duos.





I.	II.
Solo. O' mea vela	Solo. Tiri ti la vela
Do sor se pò	No mura
Casem de lorde	Que m'acella
S'into sodade	S'into bello
A meu amo.	Hoze me amo.
E a fai	Aqui fugiu
Se no amado	E me deo
Carita tuitorba	Aqui chorou
A xovi meu cante	E elle cantou
Que oragade.	Os despos

*Libro.*  
Soffrè num pôde (bis)  
Tanto pena' }  
Meu amô tistonho } bis  
Foi como um sonho  
Faz-me mata'.



Partituras de 'Sofrê num pode' e 'Bandeirante dos ares', músicas de Zulmira Canavarros e letras de Franklin Cassiano.

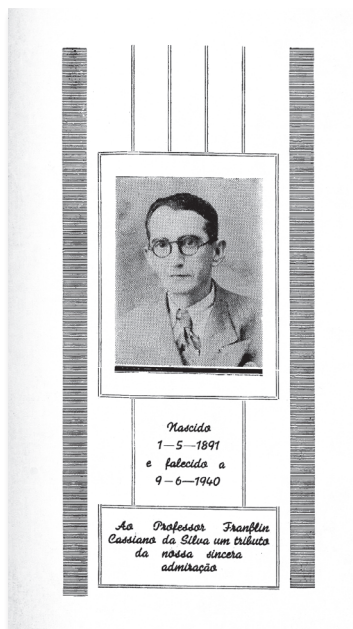
Fonte: DORILÊO, 1976, p. 136-137; 152-153.



Infelizmente, a maior parte da obra de Franklin Cassiano permanece inédita, portanto desconhecida das pessoas, inclusive a autoria de muitas letras de canções compostas, sobretudo, em parceria com Zulmira, na memória popular atribuídas apenas a ela: “[...] algumas das suas cançonetas tornaram-se populares e ainda são cantadas, ocasionalmente, por alguém que talvez desconheça a sua autoria” (ibid., p. 98).

Franklin faleceu no dia 09.06.1940, num domingo, no dia do aniversário de sua esposa. Preparavam-se para comemorar a data num piquenique. Esperava na sala, pacientemente sentado, pela finalização dos preparativos. Pensaram que tivesse cochilado e, quando foram acordá-lo, perceberam que já tinha falecido de um infarto fulminante. Na época, o laudo médico para a *causa mortis* foi *angina pectoris*.

Foi enterrado na tarde do mesmo dia no jazigo familiar, no Cemitério da Piedade. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-grossense de Letras fizeram-se representar por duas delegações: Major Firmo José Rodrigues, desembargador José de Mesquita (que proferiu um discurso), professor Philogonio Corrêa, desembargadores Palmiro Pimenta e Oscarino Ramos, e professor Francisco Mendes.



Lembrança de Franklin Cassiano distribuída após seu falecimento.

Fonte: A VIOLETA, 1940, p. 1.



Na noite anterior, Franklin participara de uma sessão desses sodalícios no Seminário. Na época, era docente do Curso Complementar do Liceu Cuiabano.

No discurso que proferiu no cemitério, publicado na íntegra pelo jornal *A Cruz* e reproduzido na Revista da AML, José de Mesquita (1940, p. 78) a ele assim se referiu:

Não é este o momento para focar os poliformes aspectos da sua mentalidade de escol, como poeta, prosador, jornalista e, sobretudo, professor, que você soube ser acima de tudo, nessa vocação inata para o magistério que o fez um privilegiado na mais bela das Ciências Humanas: a de ensinar a ensinar. Artista por excelência é o pedagogo, o didata, pois enforma a própria alma, dela fazendo a matéria-prima das suas admiráveis criações.

E você o soube ser, como poucos.

Na ocasião, Mesquita também chamou a atenção para o bom caráter e o dom da amizade do querido confrade.

Maria Dimpina (1940, p. 4) dedicou-lhe uma saudosa e carinhosa crônica, publicada na revista *A Violeta*, na qual conclamou:

Franklin não pode morrer, pois ele viverá sempre em seus versos cheios de vida e de amor. Dever de patriotismo seria o nosso Estado não deixar perder-se, nas obscuras sombras do Incógnito, as primícias desse talento de escol.

‘Crisálidas’ deve ser publicada!

É uma obra que revela o autor, e o autor não foi apenas um sentimental; foi um professor a quem muito deve a instrução mato-grossense, e a sua memória faz jus a uma imortalidade.



## FRANKLIN – Poeta

por Hélió Maia

Outros abordem a personalidade do querido morto de 9 de junho sob aspectos diversos, consoante a sua dilação – professor, cronista, *conteur*, dialetologista, etc. Eu prefiro ver em Franklin o Poeta. Não só porque ele o era mais do que tudo e, principalmente, porque, no meu entender, mais vale ser Poeta do que qualquer outra coisa. É o mais alto título da dignidade mental do homem.

O Poeta é tudo. Não há força que supere à da Poesia.

Ela é a riqueza suprema, porque nos faz miliardários da Imaginação; a graça mais alta, porque nos espiritualiza e purifica; o dom supremo, eis que vale pela maior aproximação entre o humano e o Divino. O Poeta é enteado – traz a Deus consigo.

Esses ‘pobres-diabos’ de talento e inspiração, de que o mundo moteja estupidamente, sandiamente, são os únicos Homens verdadeiros, porque são flama e ideal, enquanto os mais vivem chafurdados na lama infecta do seu ódio, do seu dinheiro e das suas misérias.

Franklin foi, soube ser Poeta. Seus versos no-lo atestam, e

basta correr a coleção das revistas do *Centro* e da *Academia* – o melhor meleiro do Hímeto da nossa Poesia – para se ver, através de suas produções, o seu gosto e a sua hiperemotividade.

E, para mim, Poesia é, sobretudo, isso, *sensibilidade*.

O Poeta há que ser bom ou não é Poeta. Bom como Poeta, bom como Homem.

O perverso, o portador de taras, o maligno – jamais fará Poesia ou a entenderá.

Franklin foi um bom e foi um Poeta. Neste ligeiro registro, escrito ainda sob a comoção do seu brusco desaparecimento – numa emboscada da Morte – eu quero deixar assinalado só isso: o autor do ‘Chana’, do ‘Sugestões ao luar’, da ‘Cachoeira’ e daquele delicadíssimo poemeto feito à sua esposa, nas ‘bodas de algodão’ – foi daqueles a quem, sem favor, se pode emprestar o expressivo epíteto do bardo da *Lira dos vinte anos*: Foi Poeta, sonhou e amou na vida!

(Junho, MCMXL)

Matéria de jornal colada num caderno sem a fonte.

Acervo de Anna Luíza Bastos.



## O 'Poeta das Crisálidas'

Franklin Cassiano também se dedicou à poesia. Desde jovem, ele as recolhia num caderno manuscrito, em cuja abertura figurava um esboço de capa desenhada à mão. Nomeou o volume de *Crisálidas*. Por causa disso, com o correr dos anos e a popularização dos manuscritos, recebeu de seus pares a alcunha de “O Poeta das Crisálidas”.

Ulisses Cuiabano (1941-1942, p. 94) registrou a lembrança do jovem amigo escrevendo suas poesias:

Abro, num frêmito de saudosa evocação, o livro de versos, inédito, de Franklin, estrofes quase todas elas minhas velhas conhecidas, mas agora, passados tantos anos, trazendo o sabor de uma incógnita, e releio as páginas que foram elaboradas à minha vista, quando eu também rabiscava pretensiosas endechas a alguém, que talvez nunca tivesse realmente existido.

Folheio, palpitante de emoção, as amareladas folhas do original das CRISÁLIDAS, e vou lendo, um por um, os sonetos e os poemas, as baladas e as canções, os vilancetes e as estrofes cívicas, produções inspiradas e sadias [...].

Capa do volume manuscrito  
*Crisálidas*, feita à mão por Franklin  
Cassiano.

Acervo de Anna Luíza da Silva  
Barbosa.





Ele também afirma que o volume não chegou a ser publicado “por um imperdoável desinteresse do bardo” (ibid., p. 95). Com a maturidade,

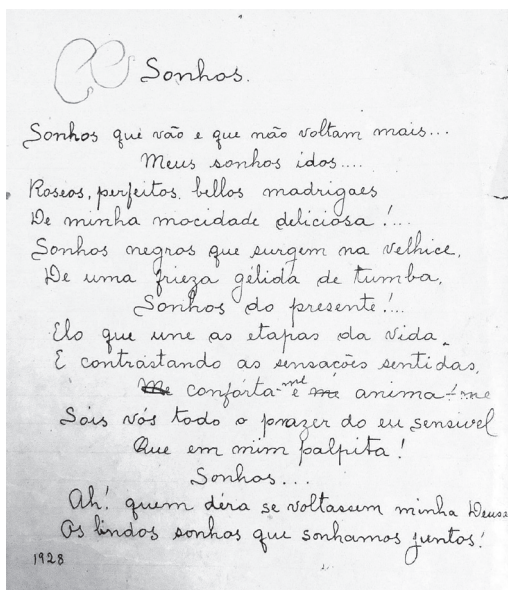
a mentalidade poética de Franklin sofreu apreciável evolução. Leituras ponderadas de bons autores, estudos constantes de matérias que viriam cimentar os seus conhecimentos de

devotado e emérito professor, o desenvolvimento de suas atividades como excelente auxiliar de Administração pública e a apreensão perfeita de várias línguas, que manejava com facilidade, exerceram indiscutivelmente grande influência em sua marcha através do domínio de versejar, no sentido de patente aperfeiçoamento artístico (ibid., p. 95).

O crítico literário da AML Alcindo de Camargo, no artigo ‘Sinfonia da alma’, assim analisou a produção poética do confrade:

[...] somos irresistivelmente compelidos a afirmar que Franklin Casiano, pelo lirismo que lhe é espontâneo, ritmado em linguagem em que a frondescência da forma não esgalha, coirmã da de Casimiro, deve ser o mais aceite pela média do nosso público.

As suas poesias, mesmo as que cristalizam as mais fortes vibrações do sentimento, o fervor arrebatado de uma crença ou o ardor cha-



Poema manuscrito por Franklin, em 1928.

Acervo de Anna Luiza da Silva Barbosa.



meiante de uma paixão, são moduladas nessa linguagem sem os tons carregados de picturação, mas suficiente para espiritualizar os motivos sugeridos (CAMARGO, 1926, p. 74).

Continua sua análise reafirmando:

É indiscutível a afinidade espiritual de Franklin Cassiano com Casimiro de Abreu. Para identificá-los, bastaria ao poeta mato-grossense o exílio que lhe despertaria a corda sensível da saudade; no mais, todo o revoar da esperança; toda a tinta de acentuada melancolia e todas as decepções que alanceavam o vate das ‘Primaveras’ são notas predominantes nos versos do poeta conterrâneo (ibid., p. 75).

E complementa: “Ainda temos a caracterizar na poesia de Franklin Cassiano a inspiração delicada, do sentimento íntimo do lar e o da nota cívica despertada em cantos patrióticos” (ibid., p. 78).

Alcindo encerra o seu artigo fazendo o seguinte questionamento: “Se a azáfama da vida prática não absorvesse a atividade de Franklin Cassiano, furtando-lhe as melhores horas de inspirações, que deleites não nos concederia o seu talento vivo e primoroso?” (op. cit., p. 79).

Ulisses Cuiabano (1941-1942, p. 95) concorda com sua análise: “[...] acho que a afinidade espiritual de Franklin com Casimiro de Abreu é palpável, é incontestável”. E ressalta que apreciava o “[...] sabor sentimental que soube imprimir aos seus harmoniosos e burilados versos”.

Além de reunir uma boa parte de suas poesias no livro *Crisálidas*, Franklin publicou muitas outras, líricas e satíricas, em jornais e revistas variados, além de dois contos, ‘A tia de Alice’ e ‘Dominó negro’ – uma produção ainda a ser recolhida e estudada.



Uma boa parte das poesias de Franklin Cassiano encontra-se reunida em *Crisálidas*. A versão que me chegou às mãos – e que ora trago à luz – foi organizada em 1940, ano de sua morte, provavelmente ampliada do manuscrito original por algum amigo poeta (Ulisses Cuiabano é o nome mais provável) ou familiar, e carinhosamente guardado por sua filha Anna Luíza ao longo do tempo. Pelos comentários registrados de vários escritores, o manuscrito foi bem divulgado em sua época.

Maria Dimpina (1940, p. 2), por exemplo, comentou: “Leio, com espírito e coração, *Crisálidas*, obra inédita do Professor Franklin. Versos escritos na mocidade sorridente dos vinte anos, versos em que deixou espelhada toda a sua bela alma de artista”.

Ulisses Cuiabano (1941-1942, p. 93) afirma que a infância do poeta é o fator que explica a metáfora da “crisálida irrequieta”. O que isso significa? Provavelmente, algo em estado de incubação se agita para romper a casca e vir à luz: talentos polimorfos que caracterizaram a personalidade de Franklin? O seu meigo lirismo em estado embrionário? Algo por aí...

A vida do poeta foi marcada por duras perdas: dos pais, da irmã e da primeira esposa. Isso propiciou ambiência ideal a um espírito afinado com a estética do Romantismo, escola literária que, em suas três fases, defendeu, entre outras coisas: o amor idealizado; a descrição de paisagens idílicas a se confundir com estados d’alma, em geral tristes ou melancólicos, até o pessimismo e a morte como saída ou refúgio existencial; além do culto ao passado glorioso da pátria através da valorização de datas marcantes, símbolos cívicos e heróis nacionais – todo esse espectro é contemplado em *Crisálidas*.



Sem dúvida, o Romantismo predominou na obra de Franklin. Apesar de seus contemporâneos a ele se referirem também como simbolista<sup>5</sup>, as raras poesias inspiradas no Simbolismo são incipientes para justificar tal denominação.

Sua produção poética contém, predominantemente, sonetos<sup>6</sup> em versos decassílabos e poucos alexandrinos (dodecassílabos); encontram-se também poesias em forma de canções, vilancetes e estrofes cívicas, em algumas das quais explora as redondilhas e, raramente, versos irregulares, presentes na sua última fase.

Como jovem apaixonado, o poeta naturalmente falava muito de amor. Entre as elites da época, era comum cortejar as “moçoilas casadoiras” através de poesias e canções a elas endereçadas. As serenatas e os saraus eram apreciados e frequentes. Sabe-se, por exemplo, que a primeira esposa de Franklin possuía belos olhos verdes, daí os textos a eles dedicados (inclusive pelos amigos).

Até a década de 1970, era usual que as jovens possuíssem um caderno denominado “álbum”, o qual entregavam aos amigos e namorados para nele escreverem algo, em uma página ou duas, geralmente uma poesia com dedicatória. Uma foto era solicitada e colada junto com o escrito, de lembrança (nem todos o faziam). ‘No álbum de Vera’ é uma poesia que exemplifica esta prática.

5 O Simbolismo foi uma escola literária que retomou vários aspectos do Romantismo negados pelo Realismo que o antecedeu, por isso, provavelmente, Franklin também tenha se identificado com ele.

6 Apesar de o Romantismo ter defendido o verso livre, em Cuiabá-MT, o gosto pelas formas clássicas perdeu bastante no século XX, num descompasso até além da conta, sobretudo em função da larga influência parnasiana defendida por Dom Aquino e José de Mesquita, fundadores da Academia Mato-grossense de Letras e líderes da produção literária no Estado. Franklin Cassiano optou pelo conservadorismo formal em sua produção poética. Vale lembrar que o Simbolismo também revalorizou esse aspecto. Cronologicamente, o Brasil já vivenciava, nos grandes centros, o Modernismo.



O poeta também enaltece a natureza, associando-a a estados d'alma, geralmente expressando melancolia ou tristeza. Apresenta uma visão pessimista quando o assunto é o ser humano e a vida social, chegando ao niilismo, como em 'Crer', o que exemplifica o "mal do século", característica do Romantismo bastante criticada pelos realistas, sob a alegação de que induzia os escritores e leitores à doença, depressão e até ao suicídio<sup>7</sup>.

Quanto ao aspecto nacionalista, o poeta versejou acerca do passado histórico do Brasil e de Mato Grosso, lembrando fatos e datas, como a descoberta da América, o fim da escravidão e a guerra contra o Paraguai, e enaltecendo heróis, como Tiradentes, Antônio João e Mello Bravo.

Estruturalmente, o livro *Crisálidas* divide-se em quatro partes: a primeira contém as produções poéticas inaugurais do jovem Cassiano: datam de 1911 a 1914 e é constituída por 12 poesias. Inclusive a que batiza o livro, 'Crisálidas', não por acaso, é a primeira. Utilizando-se de metalinguagem e com inspiração entre romântica e simbolista, no soneto de versos decassílabos, Franklin define *Crisálidas* como a "plaga ideal das sensações", onde a alma do poeta, "meiga e sombria", aninhou-se para aprender a amar. Ao final, entrega-o à amada, concedendo-lhe o mérito de tê-lo escrito, pois ela é a própria Arte. E é justamente o Amor que tematiza a maioria dos seus versos.

A segunda parte traz 14 poesias, muitas escritas em 1911, algumas em 1912 e há uma datada de 1917. Não difere muito da primeira parte, tendo o Amor como carro-chefe e introduzindo o tema da morte. Nota-se a presença da natureza como pano de fundo, num cenário idealizado.

7 Um exemplo famoso é o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, que, após ser publicado na Alemanha em 1774, desencadeou uma onda de suicídio, principalmente entre os jovens.



A terceira parte, mais extensa, é composta de 32 poesias. Apresenta uma variedade formal e miríade temática: o amor casto e platônico evolui para uma sensualidade discreta, mais evidente em ‘Beijos... Beijos...’; a presença familiar se faz notar nas saudades da mãe, amor à esposa, e dedicação aos amigos, como ‘No álbum de Vera’; culto à natureza e seus elementos (lua, sol, floresta, árvores, flores, valorizando a cor roxa...); tristeza, ceticismo e niilismo, a vida concebida como uma ilusão passageira e a morte almejada como único bem; e poesias de cunho nacionalista.

A quarta parte originalmente recebeu o título de ‘Outras Poesias’, acompanhado de uma nota de rodapé esclarecendo que foram escritas anos depois das anteriores. Optei por substituí-lo por Quarta Parte, a fim de padronizar com os blocos anteriores. Contém 18 poesias escritas por um homem mais maduro, diferindo dos demais apenas com relação à intensificação do pessimismo e da melancolia, além da exploração de versos irregulares<sup>8</sup>.

A edição obedece à organização do autor e, posteriormente, à da sua família, e está publicada da forma como me foi entregue. É difícil precisar o critério de organização. As únicas interferências que imprimi foram a atualização da linguagem para o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, a inserção de algumas notas de rodapé além das originais e a já apontada mudança de título no último bloco.

*Crisálidas* faz jus ao nome no sentido de que a obra se manteve encasulada em gavetas durante, pelo menos, oitenta

8 Franklin tendia a metrificar suas poesias, então aparecem num mesmo texto, por exemplo, versos decassílabos e, de repente, ele se liberta da prisão formal e passa a explorar versos livres, mas acaba retomando o esquadro. ‘Sonhos’ e ‘Sugestão ao luar’ são exemplos disso que optei por chamar de ‘versos irregulares’, pois constituem uma transição para a completa liberdade formal dos versos livres.



anos. Com a sua publicação, a casca foi rompida, oferecendo como conteúdo aos leitores, sobretudo estudiosos da Literatura Mato-grossense, a face lírica de Franklin Cassiano, que constitui uma amostra da produção poética do nosso Romantismo.

Seus pares muito torceram para que isso acontecesse e é com alegria que testemunho o rompimento do casulo e contemplo delicadas flores poéticas serem espargidas pelos quatro ventos de Mato Grosso. Salve Franklin!

## Referências

BENFICA, Tiago Alinor Hoissa. História do ensino superior em Mato Grosso: das iniciativas frustradas à criação de um sistema universitário. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá-PR, v. 19, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-00942019000100203#:~:text=Em%2018%20de%20setembro%20de,Grosso3%2C%20subsidiada%20pelo%20Estado.&text=Com%20essa%20lei%2C%20a%20faculdade,em%20Cuiab%C3%A1%20fechou%20suas%20portas](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942019000100203#:~:text=Em%2018%20de%20setembro%20de,Grosso3%2C%20subsidiada%20pelo%20Estado.&text=Com%20essa%20lei%2C%20a%20faculdade,em%20Cuiab%C3%A1%20fechou%20suas%20portas)>. Acesso em: 23 dez. 2020.

CAMARGO, Alcindo de. Sinfonia da alma. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 5, n. 9, p. 73-79, jan./jul. 1926.

DIMPINA, Maria. Crônica. *A Violeta*, Cuiabá-MT, a. 23, n. 265, p. 1-5, 30 jun. 1940.

CUIABANO, Ulisses. Palavras do Prof. Ulisses Cuiabano na romaria liceísta. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 8, n. 15-16, p. 80-82, 1940.

\_\_\_\_\_. Discurso do recipiendário acadêmico Ulisses Cuiabano. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 9-10, n. 17-20, p. 93-103, 1941-1942.

DORILEO, Benedito Pedro. *Egéria cuiabana*. São Paulo: Vaner Bicego, 1976.

\_\_\_\_\_. *Zulmira Canavarros – A egéria cuiabana*. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2015.



DRUMMOND, Maria Francelina I. Do falar cuiabano. In: ROSA, Carlos (Org.) *Cadernos cuiabanos*. Cuiabá-MT: Prefeitura Municipal de Cuiabá, n. 5, 1978.

\_\_\_\_\_. *Do falar cuiabano*. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.

MATO GROSSO. Decreto-Lei nº 314, de 12 de junho de 1947. *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*, Cuiabá-MT, 1947.

MENDONÇA, Rubens de. *Sátira na política de Mato Grosso*. Cuiabá: Edições do Meio, 1978.

MESQUITA, JOSÉ DE. O adeus da Academia. Discurso do Desembargador José de Mesquita no enterramento do Prof. Franklin Cassiano. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 8, n. 15-16, p. 77-80, 1940.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Os onze primeiros anos, dos 75 de existência, da Academia Mato-grossense de Letras. In: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Coord.). *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Número especial comemorativo do Jubileu de Diamante (1921-1996). Cuiabá: Gráfica da UFMT, p. 15-34, 1996.



FRANKLIN CASSIANO

# Crisálidas



## Poesias

Cuiabá-MT, 1940



Ao meu ilustre tio e amigo,  
Major André A. O. Bastos,  
como penhor de gratidão.

\*\*\*\*\*

À memória honradíssima de meus pais,  
Luiz Cassiano da Silva  
e  
Anna Luiza Bastos.

\*\*\*\*\*

Aos meus irmãos,  
Octávio Cassiano da Silva  
e  
Otília Cassiano da Silva.



# Primeira Parte





## CRISÁLIDAS

A poesia é a flor da alma, é um perfume  
dos belos sonhos e das ilusões;  
é o encanto, a luz que em si resume  
a Sinfonia azul das perfeições...

Voa, aureolada de esquisito lume,  
pela plaga ideal das sensações,  
a alma do poeta, belo nume!...  
Apoteose douda de visões!

Plaga ideal... Ali mora a poesia!...  
Ali minh'alma foi, meiga e sombria,  
saber amar – para poder amar-te!...

CRISÁLIDAS – é alma de minh'alma.  
Guarda-o, querida; e, se tiver a palma,  
a glória é tua – porque és a Arte!...

– 26.07.1914 –



## REVELAÇÃO

Fui aprender com as flores  
o que elas dizem à aragem  
para, com a mesma linguagem,  
falar dos nossos amores.

Embora novo o nosso amor, querida,  
nascido há pouco e pequenino ainda,  
já no meu peito uma paixão infinda,  
ardente lavra a crepitar garrida!...

Doida a minh'alma canta, entontecida,  
a contemplar a tua face linda!...  
E tu, ansiosa, a confissão bem-vinda,  
dizes que esperas deste amor, querida!...

Como és louca, meu anjo, em esperar  
que estes meus lábios venham pronunciar  
o que meus olhos dizem com ardor!...

Nunca a palavra diz com tal fervor...  
Porque, se o amor já nasce de um olhar,  
só ele basta p'ra dizer melhor.

– 1913 –



## TEUS CABELOS

Amo os sorrisos que aos teus lábios vêm,  
delicados, mimosos, purpurinos,  
que epopeias de amor loucas contêm  
e de beijos contêm sublimes hinos.

Amo os teus olhos dúlcidos também,  
e d'uns encantos meigos e divinos  
que, dentro deles, a minh'alma têm  
presa em laços de amores peregrinos...

Mas amo mais, mimosa criatura,  
Anjo querido que fugiu da Altura  
entre carmes de amor e de desvelos!...

Amo mais, muito mais, bela senhora,  
a ondulação altiva e tentadora  
do rico manto desses teus cabelos!...

– 21.04.1913 –



## TEUS OLHOS

Teus olhos divinos  
são verdes, mimosos;  
despertam mil hinos,  
teus olhos formosos.

São duas estrelas,  
pequenas, brilhantes,  
que em noites mui belas,  
fulguram constantes.

São dois atrevidos,  
altivos, tratantes,  
teimosos e cúpidos...  
São laços de amantes!

São duas casinhas  
dos anjos de amor!...  
Se fossem só minhas,  
quem dera, mea flor.

São gotas de auroras;  
são luz de arrebol;  
são musas sonoras,  
são filhos do sol!...

São meigos, divinos,  
teus olhos mimosos;  
despertam mil hinos,  
teus olhos formosos!...

– Agosto, 1913 –



## LOUCA FANTASIA

Sabes? Sonhei contigo. Era manhã ardente  
De Luz, de Amor, de Flor, de tudo quanto é belo;  
libava do teu lábio angélico, fremente,  
n'um beijo demorado, o néctar do desvelo.

Os teus ombros beijava audaz e impunemente,  
em meiga ondulação, o loiro teu cabelo...  
E nessa orquestra louca a brisa, ingenuamente,  
de beijo embriagava a flor em doce anelo...

Subitamente acordo. O Dia era nascido.  
O Sol, como um Paxá, a levantar do leito,  
subia já no céu de púrpura vestido!...

Então maldisse o sol, o Sol puro e risonho,  
que rindo me roubara essa ilusão do peito,  
que rindo me roubara um tão formoso sonho!...

– 1913 –



## OLHOS VERDES

Olhos verdes, que me encantastes tanto,  
infiltrando em meu peito a luz de amores;  
derramai sobre mim o brilho santo  
que possuís. Apagai as minhas dores!

Quando vos vejo belos, tentadores,  
fico contente e, como por encanto,  
evolam do meu peito os amargores  
e dos meus olhos seca o triste pranto!...

Senhora dona desses dois primores,  
faróis brilhantes que, nos meus horrores,  
livram-me sempre de cruéis abrolhos!...

Fitai-me ao menos uma vez ainda.  
Matai, oh virgem, esta paixão infinda,  
Deixai que eu ame vossos verdes olhos!...

– Junho, 1911 –



## A N E L O S

Traz em ondas flutuantes,  
sobre os ombros palpitantes,  
os seus cabelinhos loiros...  
São leve manto doirado,  
São, pois, do céu azulado,  
são do céu ricos tesoiros...

E ao ver-te assim tão formosa,  
com tuas faces cor-de-rosa,  
com teus lábios de carmim,  
sonho! E sonhando, querida,  
transporta ao empíreo, vencida,  
minh'alma qual querubim!...

Qual a tímida açucena,  
tão alva, meiga e serena,  
recostadinha à janela,  
vejo-a risonha e bonita  
trazendo um laço de fita,  
na cabeleira tão bela.

Os lábios finos, rosados,  
encantos dos namorados,  
entreabrem delicados,  
mostrando, pois, n'um sorriso  
belezas do paraíso,  
seus dentinhos nacarados.



E, escaldada a minha mente  
com essa paixão ardente,  
eu tenho loucos desejos:  
– num terno abraço apertar-te  
e doidamente afogar-te  
em beijos, beijos, mais beijos!...

– 1912 –



## C I S M A N D O

Vivêssemos assim: n'uma campina  
de majestosas flores tapizadas,  
em uma casa simples, pequenina,  
e pelo odor das flores perfumada;

E perto vendo, de água cristalina,  
um rio que desliza, e a passarada,  
alegre, palpitante e mui traquina,  
cantando sobre os ramos assentada...

E nós descalços a correr brincando,  
o ardor da mocidade desfrutando,  
entre risos, perfumes e canção...

Colhendo eu flores para o teu cabelo.  
E tu me dando beijo, oh anjo belo,  
desabrochado ao fogo da paixão!

– 1912 –



## U M A J A R D I N E I R A

Vejo-a risonha num jardim amado,  
todos os dias a brincar com flores.  
Até parece um beija-flor doirado  
dando às boninas seus gentis amores!

O seu rosto de santa, perfumado,  
beijam das rosas os sutis odores;  
seus cabelos, qual mar encapelado,  
são laços d'ouro n'um jardim d'amores!

E é tão formosa assim flores regando,  
que os próprios anjos em alado bando  
vêm lhe adorar as formas primorosas!...

E eu, fitando essa linda criatura,  
rogo a Deus não me tirar a ventura  
de vê-la sempre assim – por entre rosas!...

– 1911 –



## NUM P O S T A L

Essa florinhas que te mando agora,  
tão delicadas como vês, assim,  
foram colhidas ao romper d'aurora,  
n'um jovial e empírico jardim.

São simples, linda Elzira, mas formosas!  
Nelas, minh'alma cheia de desejos  
vai, nas corolas meigas e mimosas,  
cristalizada em pequeninos beijos.

– 06.11.1913 –



## M A N H Ã

A Aurora vem de mansinho,  
com seus dedos cor-de-rosa,  
soerguendo devagarinho  
o véu da manhã formosa!

E na floresta começa,  
pelos ramos de arvoredos,  
a terna orquestra começa  
de cantos de passaredos!

Cicia a brisa de leve,  
em doce e casto rumor,  
beijando o lírio de neve,  
beijando o seio da flor!

O campo todo coberto  
de orvalho, gotas mimosas;  
parece um lençol aberto  
de pedrinha preciosas!...

Vem o sol, divino e loiro,  
mil raios de luz lançando;  
sublime bola de oiro  
na azul esfera boiando!



## S A U D A D E S

Loira criança, sideral candura  
por que morri de tresloucado amor;  
a face bela de ideal alvura  
tem a beleza que não tem a flor!

Qual meigo lírio de corola pura,  
nasceu triunfante e com gentil vigor.  
Mas, como o lírio que tão pouco dura,  
assim morreu o nosso casto amor!

Tudo passou: Amor, paixões perjuras,  
como dos raios passam nas alturas,  
passam depressa as dúbias claridades...

Porém sofro, minh'alma inda delira...  
Pois estes versos que me canta a lira  
são voz do coração... São pois – Saudades!

– 1911 –



# Segunda Parte





A luz, o riso, a candura,  
a voz das águas, cantando,  
dos regatos, com brandura  
sutil prazer espalhando.

Torna a manhã vaporosa,  
alegre, bela e louçã  
como a frescura da rosa  
de quem talvez seja irmã!...

Tão bela assim e tão pura  
como a manhã, é a criança.  
A alma é toda – candura,  
E o coração – esperança.

– 1917 –



## VILANCETE<sup>9</sup>

Oh! Rosas que perfumais  
de minha amada o jardim...  
Beijai seus lábios por mim...

### **Voltas**

Oh! Rosa meiga e singela  
do jardim do meu amor,  
que assim impune tocais  
nos formosos lábios dela.  
Quisera ser também flor  
pra viver convosco assim.  
Oh! Rosa que perfumais  
de minha amada o jardim...

Florinha meiga e mimosa,  
de corola doce e pura,  
livrai minh'alma chorosa  
de sofrer tanta amargura...  
Aos lábios de minha amada,  
levai meus beijos sem fim...  
Beijai, rosa enamorada,  
beijai seus lábios por mim!

– 1912 –

9 Vilancete é o mesmo que *vilhancete* ou *vilancico*. Na música, é um tipo de composição polifônica espanhola surgida no século XVI, com textos profanos. Ao longo do século XVII, transformou-se em gênero de composição com as mesmas características formais, porém com textos predominantemente natalinos.



## H O R A S   T R I S T E S

E debulhada em pranto assim parece  
alvo lírio do prado, em cujo cálix  
chorou a aurora ao despontar do dia.

*Almeida Garrett*

Noite. A lua no céu já desmaiava,  
beijando triste a terra enamorada,  
pela amplidão azul só suspirava  
carne de amor na brisa perfumada...

Lígia sozinha, pálida, velava  
pensando em seu amante contristada...  
E por ele, que longe dela estava,  
em pranto soluçava apaixonada!...

Como era lindo vê-la assim chorando!  
Em sua face as lágrimas rolando  
eram gotas de límpido brilhante!

Chorava... E com o dedo seu rosado,  
ela traçava, em lágrimas molhado,  
o nome amado do saudoso amante.

– 1911 –



## NO BAILE

Ontem no baile, sorridente e bela,  
vi mui formosa a angelical Estela.  
Sob seu pés sofriam com ardor,  
num palpitar frenético de amor,  
almas e corações... Tudo era seu!  
Vi corações pingentes de agonia  
rolarem sob os pés de Estela fria...  
E, junto aos corações, também sofria  
o meu.

Depois na valsa a volitar, formosa,  
da sua mão pequena e cetinosa,  
o contato senti: quanta candura!  
Nos lábios, no sorrir, a formosura  
voluptuosamente então reinava...  
Os cabelos!... Meu Deus, ricos cabelos.  
Tão negros, luzídios, bastos, belos!...  
E valsando e fitando esses anelos  
sonhava!

E depois... E depois... Nem sei dizer...  
Anjo sedutor, essência de mulher!  
Ao lado meu sentada, delirante,  
tremiam suas mãos e palpitante  
mil carícias de amor já balbuciava...  
Sonho, ilusão, encanto, doce vida!  
E no olhar, no sorrir, na voz sentida,  
dizia Estela a suspirar vencida  
que amava!

– 27.11.1912 –



## EM RESPOSTA

...E o teu coração hesite;  
não sabe a qual deve amar;  
se a loira trança bonita  
ou a morena catita,  
d'um divino e meigo olhar.

*Curvo Neto*

Eu amo as noites tão belas  
sob o clarão do luar,  
mas amo mais as estrelas  
da negra noite polar...

Eu amo as loiras crianças,  
pequeninas e formosas,  
que nos lábios de esperanças  
nos trazem botões de rosas...

Mas amo mais as morenas  
de terníssimo sorriso,  
que semelham as serenas  
florinhas do paraíso.

Eu amo os ternos olhares  
das loiras crianças puras,  
que aos raios dos luares  
refletem doces canduras.



Mas amo mais das morenas  
os olhares tentadores,  
que nos falam nas amenas  
linguagens sutis das flores...

Pois neles vejo – Cupido  
com seus arquinhos brilhantes  
a flechar enraivecido  
os corações dos amantes.

– 1912 –



## L I L I A

Pela amplidão do azul, triste e azulada,  
rufando as asas, anjos do Senhor,  
vinham todos buscar a namorada  
que então brincava no jardim do amor.

“Como ficar assim abandonada,  
naquela terra de tristeza e dor?  
Para a candura foi nos céus criada,  
nova mansão de mais encanto e ardor...”

Assim dizendo, os anjos do Senhor  
levavam para os céus mais uma flor,  
mais uma estrela para os céus levavam...

E ontem, fitando o céu muitas estrelas,  
dessa florinha eu vi as formas belas  
brilhando entre as estrelas que brilhavam.

– Outubro, 1912 –



— Vejo, querida, o deus terno de amores  
com flechas d'ouro, arcos de brilhante  
que, entre a luz de teus olhos, fascinante,  
lança-me setas de ferinas dores!...

— disse. — E enganei-me, querida, hoje eu vejo  
que em teus olhos de tanta sedução  
só existe, meu Deus, o frio beijo,  
o beijo frio e vil da ingratidão!...<sup>10</sup>

– 1911 –

oooooooooooooooooooooooooooo

**10** Esta poesia foi originalmente publicada em *A Imprensa* e transcrita n' *A Cidade de Monte Alegre*, de Minas Gerais.



## DESILUSÃO

*Guarda estes escritos...*

Era no doce tempo de quimera,  
era o tempo risonho dos amores,  
em que no campo o repontar de flores  
anunciava o sorrir da primavera.

Soerguida a saia com gentil candura,  
corria Elzira a machucar graciosa,  
com seus pezinhos de ideal alvura,  
tenras florinhas da campina airosa.

Chegou-se a mim que, a contemplá-la andava:  
— Diz-me, poeta que sorri de escolhos...  
(Que meiga voz, meu Deus, que me falava!)  
Diz-me, que vês nestes meus negros olhos?



## M O R T A

Como foi bela, da manhã rosada,  
a doce aurora que te viu nascer;  
perfumes, flores, meiga passarada  
saudaram Laura, teu divino Ser.

Rosa singela de pranto banhada,  
como foi curto teu lindo viver!  
Casta florinha de pranto orvalhada,  
que anjos vieram para os céus colher.

Virgem querida, diva feiticeira,  
por quem meu peito, pela vez primeira,  
pulsou de amor e de saudades chora!...

Fugiste, deusa, para o azul empíreo,  
mas nosso amor, qual murchecido lírio,  
vive comigo – no meu peito mora!

– 1911 –



## I M P O S S Í V E L

Como esquecer-te se do pensamento,  
entre nuvens de amor e de paixão,  
não me foges, querida, um só momento,  
se só pulsa por ti meu coração!?

Como esquecer-te se no firmamento,  
Astro gentil de minha adoração!, –  
te vejo bela, n'um deslumbramento,  
me arrebatat em grácil sedução!?

Virgem querida, deusa dos encantos,  
por ti verti meus doloridos prantos,  
por ti mea lira só pulsou chorosa!...

Esquecer-te não posso, eu hei de amar-te!  
Embora de ti longe hei de adorar-te  
e a ti meus cantos voarão – Formosa!

– 1911 –



## DESCRENÇA

A mulher tem caprichos singulares:  
às vezes zomba do infeliz vivente  
iludindo-o com lânguidos olhares.

*Ulisses Cuiabano*

Louco que eu fui... Um dia, apaixonado  
fiquei por uma virgem mui formosa;  
e me senti feliz, pois adorado  
julgava ser por essa bela rosa.

Sempre um olhar sereno e demorado  
lançava-me a sorrir a flor mimosa.  
Eu a fitando, mudo e perturbado,  
contemplava sua forma voluptuosa.

Era a deusa de minha adoração...  
Passou a me tratar indiferente,  
nem um olhar me dava mais, sequer!

E hoje, que é extinto o fogo da paixão,  
que me queimava o peito loucamente,  
eu não mais creio em olhos de mulher!

– 1912 –



## MELANCOLIA

Oh! Quanto é triste, à flor dos anos inda,  
sentir da morte as garras cruciantes;  
quando do amor em frases balbuciantes  
se começa a gozar a fase linda!

Sentir no coração paixão infinda  
e da saudade as dores lancinantes  
e ver na mocidade, cedo ainda,  
as trevas d'uma tumba, horripilantes!

Oh! Quanto é triste assim sofrer, meu Deus!  
Paixão, amor e os belos sonhos meus,  
tudo deixar sem ter por mim um pranto!

Sim, morrerei! E a ti, virgem formosa,  
quando a morte me vencer, pavorosa,  
eu vibrarei meu derradeiro canto!

– 1911 –



## V I O L E T A S

A violeta é uma flor tão pequena,  
tão meiga e delicada que parece  
os ressábios de um beijo que se desse  
num lábio em flor de angelical morena.

É de candura e de modéstia plena,  
como de amor talvez seja de prece;  
de um aroma tão doce qual trouxesse,  
do Éden rico, essa riqueza amena.

Eu gosto muito, sim, das Violetas!  
Pois sendo mesmo assim quase que pretas,  
são emblema de amor e de Inocência...

E ao vê-las tão pequenas e mimosas,  
espalhando no ar divina essência,  
enchem meu peito de visões formosas.

– Novembro, 1911 –



## PERPÉTUA

Tu, florinha gentil, que vives no desprezo,  
que simbolizas Dor... A Dor sublime e nobre;  
a Dor que fraterniza e traz num elo preso  
o coração do rico ao coração do pobre.

Roxo de violeta, a cor que ardente prezo!  
Cor da paixão, do amor que o coração nos cobre;  
o nosso coração mui frágil e indefeso  
de bem, de mal, de luz, de tudo quanto é nobre!

Oh! Flor emocional! “Perpétua”, flor da morte!  
Quanto mesquinha e má contigo foi a sorte!...  
Porém, que digo?... És nobre, és poderosa, és Santa!

Tu representas Dor – e a Dor é a Igualdade,  
a síntese do amor, a do prazer que encanta...  
– A ti a adoração geral da Humanidade!

– Janeiro, 1913 –



# Terceira Parte





## MINHA MÃE

Quando criança, minha mãe, um dia,  
tu me deixaste e para o além fugiste.  
Eu, orfãozinho, qual mortal resiste!?  
Tão pequenino a te chorar gemia...

O teu retorno a esperar sorria!...  
Quanta inocência na criança existe!  
E no meu peito, minha mãe, abriste  
a eterna cova de melancolia!...

Hoje sou moço. As ilusões da vida  
perdi-as todas, minha mãe querida...  
Só de saudades, tenho o peito meu!

Saudades quando então com alegria,  
cansado de brincar, adormecia,  
sob a casta pressão do beijo teu!

– 26.11.1912 –



## O C O R V O

Crocitando, vil Corvo, em remígio ligeiro,  
ei-lo, em onda de luz, pelo azul mui contrito,  
e nem nota, talvez, nesse ardor condoreiro,  
que o negror do seu vulto é um borrão no infinito!...

E no alto, bem alto, é de todos – primeiro...  
nem Rei, nem Grão-vizir... Só ele o Corvo invicto  
e as asas espalmando, em círculo faceiro,  
escarnece, a sorrir aos montes de granito!

Mas de repente o Corvo uma carniça fita:  
e do áureo esplendor do céu se precipita  
e se atira voraz à podridão infecta!...

Como o Corvo também quanta gente não deixa  
todo o puro ideal que a sua alma enfeixa  
e se engolfa do vício em torpeza abjecta.

– 1928 –



## 12 DE OUTUBRO

### I

Sulcando o dorso azul das águas pavorosas,  
voavam, de Colombo, as naves em alto mar;  
em mar desconhecido, audazes, silenciosas,  
– glória a conquistar.

### II

Colombo, o herói do mar, sonhara sobranceiro  
com terra de mil flores...  
Vira além, no Ocidente, além, mui altaneiro,  
com aves de mil cores,  
como um ninho de amor, de luz mui resplendente,  
o novo Continente!...

### III

Lutando agora vinha, os mares conquistando,  
em busca do Ideal:  
e vencendo a natura, altivo e triunfal,  
soberbo e poderoso e nobre e genial,  
Colombo vinha então os mares devastando!...

### IV

Enfim, eis que a manhã, formosa e aurifulgente  
de outubro viu raiar;  
e viu surgir além o Novo Continente,  
como um hino de glória, em plena natureza,  
banhado pelo mar!...



## V

Estava descoberta a América formosa,  
a filha da beleza, a terra dadivosa,  
a América gentil,  
que guarda no seu seio ardente e exuberante  
o mais rico país, o mais lindo brilhante:  
– a Pátria de Rio Branco – as terras do Brasil.

– 10.10.1913 –



## A O N A S C E R D O S O L

Da cor de sangue o horizonte infindo  
todo se veste no romper da Aurora;  
e a passarada, num concerto lindo,  
saúda a manhã com sua voz sonora!

O véu da treva a pouco vai fugindo.  
Do campo em flor, risonho se evapora  
doce perfume. Como tudo é lindo,  
como é risonho o despontar da aurora!...

E no horizonte o sol divino e loiro  
belo aparece. E qual filetes d'oiro  
poisam na flor seus raios em adejos...

E a flor singela, pura e palpitante,  
numa volúpia cega e delirante,  
abre a corola a receber seus beijos!...

– Novembro, 1912 –



## SONETO

Primavera. Fala a rosa: “Que beleza  
tem do passarinho agora o canto.  
Como reveste agora a natureza  
as minhas folhas de divino encanto!”.

Mas, quando o outono vem com aspereza  
desfolhando da rosa o lindo manto,  
ela chora e suspira com tristeza  
chamando a primavera, envolta em pranto...

Assim, o coração da juventude,  
em terna primavera sorridente,  
canta hinos celestes de alegrias...

Mas vem o outono – que é a velhice rude...  
E o coração cansado e já descrente  
chora da infância os seus passados dias!

– 1912 –



## CAIR DA NOITE<sup>11</sup>

Tem uns arpejos de ansiedades  
e uma tristeza divinal,  
como nos enche de saudades  
o vir da noite angelical!...  
É o dia meigo que delira  
e chora e expira!

A natureza então risonha  
a espreguiçar passa mimosa  
e, num delírio de quem sonha,  
ela adormece vagarosa...  
Como a ternura de uma prece,  
ela adormece.

O dia é morto e, com seu véu  
negro, qual voz da traição,  
a noite vem cobrir o céu  
com o seu véu de escuridão!  
E no horizonte, devagar...  
Surge o luar.

Ouve-se além, triste, plangente,  
mui compassado a soluçar,  
a voz do sino, tão dolente  
como o silêncio do luar...  
É o anunciar d'Ave Maria...  
É a morte ao dia!...

oooooooooooooooooooooooooooo

11 Poesia publicada originalmente no periódico *A Liça*.



É melancólico e suave  
o vir da noite silenciosa,  
qual o gorjear belo d'uma ave  
chorando o amante, langorosa...  
Tem a frieza d'um açoite  
o vir da noite...

Tem uns arpejos de ansiedade  
e uma tristeza divinal;  
como nos enche de saudade  
o vir da noite angelical!

– 1912 –



Quanto de triste não seria  
das longas noites o passar  
(Tudo era dor, não alegria!),  
se não existisse o luar...  
Ninho de luz que tanto adoro!  
Luar sonoro!...

Vagam no ar carícias, beijos;  
ternos arrulhos dos amantes;  
almas frementes de desejos;  
queixas de amores soluçantes...  
Mil harmonias que se evolum  
e nos consolam!

Uma canção no ar se eleva,  
mui delicada e singular;  
canção de amor que a brisa leva  
das belas flores ao luar...  
E uma ternura nos invade!...  
Uma saudade!...



## PÁGINA ÍNTIMA

Doida! Fecha minh'alma as pétalas doiradas  
das minhas ilusões e minhas fantasias;  
de minha lira guarda as vozes encantadas,  
as pulsações sutis e as rimas erradias...

Que eu não sinta, jamais, as cordas namoradas  
vibrarem desta lira em dúlcidas poesias;  
e não veja também visões alcandoradas  
vagando em procissões nas noites fugidias...

Ajoelha-te, minh'alma, e guarda silenciosa  
mea lira e meu amor, à virgem mais formosa...  
E quando ela cair... Que eterno poemeto!

Cair louca em meu braço, ardente de desejos,  
modula uma canção, canção feita de beijos  
nas ternas variações dos versos d'um soneto!

– 16.12.1913 –



## 21 DE ABRIL

Na bela Lampadosa a tropa portuguesa,  
garbosa em pelotões, já estava então formada.  
E no centro da Praça horrível, com dureza,  
o emblema do Poder – a força – estava armada...

Rolavam pelo céu as nuvens com tristeza...  
A turba inconsciente, ali estacionada,  
d'um herói esperava a morte com frieza...  
Soaram os clarins. A hora era chegada!...

O povo atento olhava o fúnebre cortejo...  
A Pátria agradecida um derradeiro beijo  
mandava ao grande herói valente entre os valentes!

Calaram-se os clarins e os rufos de tambores...  
E assim foi que morreu das glórias aos fulgores  
o mártir varonil – o augusto Tiradentes!...

– 16.04.1914 –



## INVOCÇÃO

Ó Tiradentes, vinde! Erguei-vos, meu Titão!  
Cristo da liberdade, audaz batalhador!  
Vinde, que os ferros vis da vil escravidão  
se quebraram um a um, com ríspido fragor.

No seio do Brasil, em fúlgido clarão,  
palpitam docemente – a Liberdade e o Amor.  
A vossa Pátria é livre – é livre o cidadão;  
não mais cativos hoje – e não também Senhor!

Vinde ver o Brasil, o pátrio solo amado,  
aos beijos siderais do auriverde adorado,  
progredir e marchar sublime e glorioso!...

Vinde ver o Brasil, terra que tanto amastes!  
Não temos mais brasões, nem cativeiro odioso!  
Oh! Vinde que ele é livre – e tal como o sonhastes.

– 07.05.1914 –



BEIJOS... BEIJOS...<sup>12</sup>

— Não, assim não. Abre mais tua boca,  
deixa os meus lábios, que o desejo inflama,  
a rubra ponta de tua língua, Louca,  
tocar mui ternos de paixão em chama...

— Assim?

— Não, assim não. Há timidez, Senhora, nesse teu riso que o pudor recama. Abre mais tua boca tentadora... Esse que é o beijo sutil de quem ama.

— Assim?

— Quase. Mas não precisamente...  
Deixa que os lábios meus o teu dentinho  
toquem avidamente, ardentemente,  
nesse teu dente alvíssimo de linho.

Quero um beijo de amor, com muita calma,  
beijo suave e doce como a brisa,  
que a alma não nos deixa assim indecisa...  
Esse é o beijo bom que não assusta a alma.

Não me apresentes, pois, franzidos, duros,  
esses teus lábios purpurinos, Louca!...  
Eu quero recolher em beijos puros  
toda a minh'alma pela tua boca...

**12** Poesia escrita depois que o autor leu um conto de Garcia Redondo, com o mesmo nome.



.....  
.....  
.....

Dá-me teus lábios plenos de desejos;  
chega teu corpo ao corpo meu, oh Flor!  
Tua boca à minha boca, meu amor!...  
Na vertigem do gozo, mil arpejos  
vibramos, virgem, com letal ardor,  
na lira augusta de celestes beijos!...

– 22.05.1914 –



## C R E R

Crer: é amar, sonhar, é ter em ilusões  
banhado o coração na mocidade em flor;  
é ver, pois, no futuro, em mil cintilações,  
a glória a nos sorrir e nos falar de amor.

Crer: é adorar a forma, as perfeições  
de um corpo de mulher; é desejar a dor;  
é desfolhar do gozo as belas sensações  
num beijo primoroso, eterno, tentador...

Crer: é afagar na alma um nicho de delícias,  
de amor, de sonho ardente de primícias...  
É ter, pois, de desejos a alma transbordada...

.....  
.....  
.....

Depois de ver que a crença é nobre de pureza,  
eu fico pensativo e creio, com tristeza,  
e fico mesmo a crer... Que eu não creio em nada.

– 22.07.1914 –



## SIM OU NÃO?

Vamos, querida, diga sem receio:  
ou sim ou não – uma palavra basta;  
pois eu, Petita, loucamente anseio  
por possuir tua beleza casta...

Deixa de parte o natural enleio.  
Se for um “não”, soturnamente vasta  
será a noite, pra este peito cheio  
duma paixão que me será nefasta!...

Se for um “sim”, risonhas alegrias  
certo encherão, de minha vida, os dias,  
num doce eflúvio de contentamento!...

Vamos, querida, diga com franqueza,  
porque um amor que vive na incerteza,  
Amor não pode ser, talvez tormento!...

– 1916 –



### 13 DE MAIO<sup>13</sup>

Negras, tristonhas, balouçando hediondas,  
fantasma horrído, destruindo lares,  
malditas naus, no dorso azul das ondas,  
singravam temerárias pelos mares!

Quanta dor e pesar dentro do seu bojo!...  
Quantos ais sufocados e gemidos!...  
Que promiscuidade vil que causa nojo,  
esses míseros pobres reunidos!...

Eram filhos da África – almas doridas  
que a ventura choravam, a saudade  
da Pátria e as alegrias perdidas  
de quem já teve o sol da liberdade!

Vendidos: – o chicote do feitor  
os corpos lhes banhava todo em sangue  
e, na senzala de um infecto olor,  
as almas descansavam já exangues.

A fadiga e o açoite – era esta a sorte  
dessa gente sem lar, desprotegida;  
pois a ventura só lhe dava – a morte  
como fim de uma vida não vivida!

oooooooooooooooooooo

**13** Poesia recitada no dia 13.05.1916, no Salão Nobre do Palácio da Instrução,  
pela aluna Hermínia Leite, da Escola Modelo.



Cativeiro! – Meu Deus, quanta tristeza,  
quanta miséria essa palavra encerra!...  
Custa crer que encobrisse essa torpeza  
o auriverde pendão de minha terra!...

Enfim vêm Isabel e João Alfredo.  
Vem com eles a própria redenção;  
pois num gesto sublime, forte e ledó  
esmagaram para sempre a escravidão!...

Foi no 13 de Maio, nesse dia  
brilhou intenso o sol da liberdade,  
espalhando, em seus raios, a alegria  
e o hercúleo abraço da fraternidade!

– 04.05.1916 –



## BEIJOS E VERSOS

A alma do poeta é toda flores  
perfumadas, em rimas de cristais.  
Vem, querida, libar doces amores,  
na taça dos meus lábios joviais!

Versos e beijos são os dois primores,  
gêmeos irmãos; não se separam mais.  
Beijos – são versos trescalando olores.  
Versos – são beijos murmurando uns ais!...

Versos e beijos! Vem, que mui repleta  
tenho, senhora, a alma de poeta  
e quero doidamente embriagar-te!...

E viverás, querida, oh! Meus desejos!...  
Meiga, sonhando pelo céu da arte;  
doida, morrendo ao som destes meus beijos!

– 04.06.1916 –



## C H U V A

E a chuva não passa... Que tormento!  
Ansioso espero... Desespero e nada...  
Fumo. E minh'alma voa apaixonada,  
onde voa meu louco pensamento...

Cismo... E a cismar fico um momento...  
E a chuva não passa, que maçada!  
Fumo e cismo... A resposta desejada,  
como custa a chegar, triste eu lamento!...

Espero ainda... E o temporal não passa!...  
Em nada mais eu acho aquela graça  
que outrora achava e me trazia calma...

E ao bater a chuva na calçada,  
sinto deveras, minha doce amada,  
uma chuva de espinhos em minh'alma...

– Novembro, 1911 –



## SE CÉTICO EU FOSSE

Se indiferente pudesse eu contemplar  
a vitória sublime da beleza;  
as belas tentações da natureza,  
se eu pudesse tranquilo desprezar...

Se cético eu fosse e a palpitar  
tivesse um coração todo frieza...  
Talvez não tivesse de tristeza  
esta minh'alma pura a transbordar.

Talvez que esta minh'alma de ânsias cheia  
estivesse, Petita, toda alheia  
às sensações desta ilusão estranha!...

(Não estaria, talvez – penso querida.)  
Terna, mesquinha, presa nesta vida;  
presa, vencida por paixão tamanha!

– 09.12.1916 –



## A L U A

Às vezes saio à noite, a contemplar  
– poetisa de êxul – a nívea Lua.  
Tão frio e branco, no meu peito atua,  
o denso raio do seu meigo olhar...

Concha leve de prata a desvendar  
a grandeza do céu, que a rir desnua.  
Quanta pureza tem – é imagem tua,  
na candidez dos raios a brilhar!...

Recito versos meus à poetisa  
– à Lua –, que as tristezas ameniza,  
branca ilusão do azul a rebrilhar...

Noiva de poeta chamo-a em pensamento...  
E ela vai pelo céu, mui lento, lento,  
a epopeia da noite a recitar!...

– 08.01.1919 –



## A B A N D E I R A

Auriverde, sublime a tremular ao vento,  
palpitando, sorrindo em lépidos adejos,  
Ela a Pátria nos traz querida ao pensamento,  
lançando pelo espaço um turbilhão de beijos.

Verde – da cor do campo e cor da nossa mata,  
– é o futuro a cantar nos lábios das crianças;  
o esplendor vegetal deste País retrata  
a cor emocional das nossas esperanças.

Azul – é o nosso céu – o crânio azul ridente,  
rendilhado de estrelas – “a luminosa esteira”;  
é a esfera celeste, onde rebrilha ardente  
o Cruzeiro do Sul dessa ideal Bandeira.

Corta-a, de um lado a outro, uma faixinha branca,  
é o nosso rio-mar, o portentoso rio  
que, em cataclismo d’água, espadanando espanca,  
garbosamente banha o matagal sombrio...

O metal precioso, o colossal tesouro,  
a nossa poderosa e rútila riqueza,  
nesse pano amarelo – em um losango de ouro,  
refulge resplendente em toda sua beleza...

O campo, a mata, o rio, o ouro e o nosso céu,  
todo o nosso valor de País soberano,  
envolto tudo está por misterioso véu,  
nessa linda bandeira – esse sagrado pano!



.....  
.....  
.....

Quando, enfunando ao vento a palpitar desdobras,  
farfalhas tremulando, em um dançar faceiro,  
juntamente pendão, palpita em tuas dobras  
o grande coração do povo brasileiro.

– 29.09.1917 –



## MONÓLOGO DE UM CÉTICO

Sou moço e tenho velho o coração!  
Tudo em mim está gasto; o pensamento  
é como um ponto de interrogação,  
na lira do passado – meu tormento!...

A Sociedade? – esplêndida irrisão!...  
– Eu que julguei às vezes, por momento,  
essa deusa fiel da ingratidão,  
de colossal saber, um monumento!...

A Vida? – um negro sonho prolongado,  
de dores, de incerteza todo inçado,  
tudo de mal, tudo de vil contém...

Tudo ilusão, loucura, em nada creio...  
– E Deus? – Mistério... – Amor? – um devaneio...  
Só tu, oh morte, és meu único bem!...

– 07.01.1919 –



## C O R U M B Á

Lá, reclinada às águas murmurantes  
do glauco Paraguai, rio colosso,  
banhada de verduras palpitantes,  
sob a luz de um progresso ardente e moço,

existe Corumbá. Gênios errantes  
da poesia e beleza, o encanto nosso,  
lhe vestem de riquezas delirantes,  
de Princesa ideal de Mato Grosso!...

Mimosa terra minha, tu que, airoso,  
a senda do progresso vigorosa  
vais trilhando a sorrir na luta insana,

Oh! Sobe além... Para um futuro ingente,  
e viverás em glória, eternamente,  
tu que és Princesa e – és republicana.

– Março, 1919 –



O cofre do passado eu hoje abri...  
Uma carta encontrei, era de Elzira;  
falsas juras de amor, tudo mentira,  
nessa cartinha que tristonho eu li!...

Eis uma rosa seca, um bogari.  
Este deu-me sorrindo a casta Elvira.  
Aquela trouxe um beijo de Nini...  
Quantas saudades isto tudo inspira!

Um miosótis aqui, flor pequenina,  
deu-me um dia, me lembro, uma menina  
entre os ais de um suspiro e... o mais que importa:

ela minha não é... Tudo findou-se!  
Só me resta esta flor, como se fosse  
escrínio azul d'uma ilusão já morta.

– Janeiro, 1919 –



## QUE É O AMOR, AFINAL?

Que é o amor, afinal? – Um olhar demorado,  
um sorriso ligeiro, um aperto de mão;  
um beijo que se colhe e um dobre de finado,  
sobre a tumba ideal de mais uma ilusão!

– 1919 –



## O T A R U M E I R O

Lá se vão pelos ventos agitadas,  
a tremer, a tremer... Dóceis, mimosas,  
do Tarumeiro, as folhas desgarradas...  
Folha!... Ternas visões vagando silenciosas!...

E lá se vão...Tão tímidas, coitadas,  
folhas pequenas, meigas, deliciosas,  
a tapetar a poeira das estradas,  
em confusões divinas, primorosas...

Nu de folhagem o pobre Tarumeiro  
tristemente se cobre todo inteiro,  
todo se cobre de graciosas flores...

E fica roxo!... Uma tristeza o invade  
como se fosse um ninho de saudade...  
Apoteose olímpica de dores!...

– 20.09.1919 –



## A FLORESTA

Silêncio, escuta: aqui é o templo – é esta  
a morada da Paz – tem Amor por divisa!...  
É Deusa a Natureza – a rainha modesta.  
A Cigarra a cantar – a grã sacerdotisa!...

Aqui, perde o mortal a paixão imodesta  
do poder e ambição que a razão cristaliza;  
o arvoredo gentil eternamente em festa,  
a grandeza do amor, no prazer diviniza!...

Mentira!... A mesma dor, a mesma dor funesta  
da sociedade humana existe mais constante  
na sociedade verde e muita da floresta...

É um lutar inconstante... Um lutar inaudito.  
Um eterno agitar, monótono, irritante,  
na conquista do Sol – o Don Juan do Infinito!

– 19.09.1921 –



## A T A P E R A

Tudo ruína em redor. – Ali a roça,  
onde o virente milharal floria,  
era esta de água a cristalina poça  
onde eu cansado de caçar bebia...

De Pai Joaquim, ali era a palhoça...  
Quanta função outrora! Que alegria,  
logo depois do muxirão na roça,  
sob o clarão da lua que sorria...

E nada resta. Nada da passada  
vida risonha, leve e descuidada,  
dos belos dias que não voltam mais!...

E meus sonhos gentis!... Quanta quimera!...  
Tudo... Tudo também uma tapera,  
dum Castelo no Ar – meus ideais!...

– 1921 –



## A N U V E M

Gosto de ver do dia à luz mortiça e escassa  
a cerúlea nudez da esfera constelada,  
manchada aqui, ali, de flocos de fumaça  
a correrem gentis ao sopro da lufada...

Uma nuvem que via... Meu pensamento a abraça  
e sinto que ela vive e sofre, a desgraçada,  
a vagar, a vagar até que se desfaça  
em gotas de cristais sua alma atribulada!...

Há uma alma que vibra em tudo e se resume  
na harmonia do som, na cor e no perfume,  
no abjeto paul e na pureza extrema!...

E (quem sabe?) talvez a pobre nuvem seja  
um sonho, uma ilusão que pelo céu adeja...  
Na incontida avidez da perfeição suprema.

– 1921 –



# NO CAMPO

## I

Parece que no ar se evolvem palpitantes  
sob as faixas do sol nascente, mui brilhantes,  
    mil beijos e carícias!  
E sobre um verde ramo, um ramo de arvoredor,  
que perto à minha casa eleva-se, em delícias,  
um meigo sabiá, um passarinho ledor,  
qual raio angelical do púrpuro arrebol,  
cantando uma canção, qual jovem namorado,  
num canto harmonioso, belo, imaculado,  
saúda o fulgurante e loiro rei – o sol!...

## II

Alvacentos flocos, pela tela azul  
    de nuvens silenciosas,  
    vagam docemente,  
como um bando de aves nêvas e mimosas...  
O encanto e a luz e coisas mil formosas!...  
Que visão divina que deleita a gente!

## III

Estende-se bonito o campo delicado,  
    ali o campo em flor.  
Parece com um lençol assim todo orvalhado!  
Num sítio como este, esquece-se da dor!...  
    Parecem de brilhante  
    as gotas pequeninas  
de orvalho matinal, que pendem nas boninas!  
    Que pompa emocionante!



Que belo turbilhão empírico de luz!  
A voar, a voar, alegres, descuidadas,  
pelo Campo assim vão, tão lindas, delicadas,  
as flores siderais – Borboletas azuis!...

#### IV

Canta o arvoredor!  
E a ave também canta.  
As flores contam seu sutil segredo,  
do jovem vate para a musa santa!...  
A natureza, a mãe casta e sublime,  
numa linguagem murmurante exprime,  
cantando às auras suas belezas puras:  
    pompas e festas,  
    todas canduras  
    de suas florestas...

#### V

Passam sorrindo guapos rapazes,  
firmes montando belos cavalos...  
E pelos campos, morros e valos  
    vão mesmo audazes,  
    vão, faceirando,  
buscar os gados pras vaquejadas...  
E vão contentes, sempre cantando  
versinhos meigos às namoradas...

.....  
.....



## VI

Viver! Viver no campo assim quisera;  
essa vida de amor, essa vida tão pura,  
beber ardentemente a eterna primavera  
da natura...

E lá, pulsando a lira e farto de viver,  
cantar hinos de amor, cantar... Depois morrer!

– 08.11.1913 –



## SONETO <sup>14</sup>

Do destino feliz na encruzilhada  
foi que eu e você nos encontramos;  
saudara o nosso amor em alvorada  
o gorjeio gentil dos gaturamos.

E seguimos depois a mesma estrada  
cheia de espinho e flor que nós trilhamos,  
a mão na sua mão entrelaçada,  
as mágoas nem sentimos que passamos!...

E, na curva feliz desta subida,  
revendo em nossos filhos, nossa vida,  
nos brinquedos pueris, alegres, francos,

nós nos sentimos jovens novamente  
sob a candura meiga entorpecente,  
do alvorecer destes cabelos brancos.

– 11.09.1939 –

oooooooooooooooooooooooooooo

**14** Esta poesia foi dedicada à sua esposa quando completaram 12 anos de casados.



## A CACHOEIRA

Esfrolando, em quebrada, estruge, escachoando,  
no arrepio elétrico das ondas,

lila água cristalina!...

Sons profundos de notas melancólicas  
elevam-se no ar, volatilizam-se  
enchendo as grotas negras de queixumes  
de sons surdos de ódio e de vingança...

Lamentações,

gritos de dor do líquido elemento  
na ansiedade feroz de lutar, de vencer,  
e galgar e transpor o ríspido obstáculo,  
na conquista de um bem inda mal definido,  
antes sentido apenas...

E se anonimar!...

Ah! Como faz lembrar toda essa luta insana  
o epinício falaz de toda a vida humana!



## NO ÁLBUM DE VERA

Nas veludíneas páginas de sonho  
de teu álbum, Verinha, que direi?...  
Volvendo ao meu passado, os olhos ponho  
nos castelos de oiro que eu sonhei!...

A distância do tempo, em vão, transponho!...  
E compreendo então quanto passei!...  
As ilusões que tive, assim tristonho,  
nem eu mesmo entendê-las jamais sei.

Não entenderás, assim, o que eu disser.  
Tu és ainda um sonho de mulher  
desabrochando às ilusões da vida.

Eu, o passado triste e silencioso,  
que do livro da vida misterioso  
vivo a reler a página já lida.

– 27.07.1939 –



Vê, meu poeta: aquele passarinho,  
tu me disseste, um dia, em voz chorosa,  
vive tão triste ali, o pobrezinho,  
naquela gaiolinha cor-de-rosa...

Oh! Certo o pôs ali mão criminosa,  
mão de seda e veludo de um anjinho!...  
E lamentando toda lacrimosa  
por vê-lo na prisão assim sozinho!...

Eu fitei-te a sorrir... E tu modesta!  
Da cabeleira verde da floresta  
que Deus o privaria, ou Fada ou Nume?

Eu fitei-te a sorrir... E nem pensaste  
que tu também a rir me acorrentaste  
na gaiolinha azul do teu ciúme!

– 23.09.1921 –



# Quarta Parte





## N O S S O   L A R

Minha bela companheira, a vida  
é tão boa assim como a gozamos,  
que nem senti a etapa já vencida  
de seis anos que faz que nos casamos...

A minha imagem eu vejo refletida  
na luz do teu olhar – meu bem, trocamos...  
Pois é a tua vida a minha vida  
e nem se pode amar mais do que amamos!...

O nosso lar não tem fera grandeza.  
É tão comum e simples na beleza  
sem as pompas vaidosas, falsos brilhos!...

É um ninho de amor e de meiguice,  
onde rezamos nossa meninice  
nos brinquedos gentis de nossos filhos!...

– 21.09.1921 –



## ANTÔNIO JOÃO

É nos Dourados. Força hostil de Lopes,  
negros ciclopes de devastação,  
intima ao bravo Antônio João Ribeiro...  
Que o brasileiro... Renda-se à prisão...

Render! Mas como? É falecer sem glória,  
morrer pra história sem lutar primeiro...  
A Pátria exulta se lhe morre um filho  
cheio de brilho de um valor guerreiro!...

E Antônio João reúne os seus soldados...  
Que abnegado brasileiros tem!  
São muito pouco, pois são quinze apenas,  
mas de centenas o valor contém...

Trava-se a luta. Há gemidos, falas;  
sibilam balas, num terrível som...  
E os brasileiros, que heroísmo encerra!  
Rolam por terra, um por um, então!

Entra em Dourados turba muito aflita,  
a voz em grita o Paraguai valente...  
Encontra mortos, não encontra escravos,  
todos os bravos... Brasileira gente!...

Fora sangue de heróis que derramara,  
que ali banhara aquele pátrio chão...  
Desce a Bandeira... A nossa Pátria invicta,  
treme, palpita... E beija Antônio João!



## A P O T E O S E<sup>15</sup>

Quando do Paraguai a Fúria intensa  
totalmente invadia Corumbá,  
famílias e famílias em defesa,  
prestes partiram para Cuiabá.

Seguia aquela caravana impávida,  
uma escoleta de Lopes, em tropel;  
e a morte, de ceifar, se fez mais ávida,  
aquelas vidas que tragavam fel.

Duro incontido padecer! Que mágoa,  
naqueles corações de dores túmidos!  
Os pés trazidos de pisarem n'água,  
lóbregos pousos em lugares úmidos!...

Todos os elementos, nesses dias,  
irritados, furiosos se mostravam;  
às chuvas sucediam ventanias;  
do Sol os raios, cálidos, queimavam.

O bramido das onças, reboando,  
acordava os vorazes jacarés;  
a coleante sucuri, silvando,  
preparava-se em meio aos aguapés.

As mães, pobres mulheres!, com receio,  
unem-se aos filhos que agonizam, choram.  
Têm fome os inocentes! Mas o meio  
de afrontá-la, debalde, elas imploram!

oooooooooooooooooooo

**15** Esta poesia faz parte de um livro que o autor escrevia sobre Mato Grosso e se refere à bravura do Gal. João de Oliveira Mello, o Mello Bravo, que atravessou pantanais e sofreu atrocidades para trazer as famílias que fugiam de Corumbá, então invadida pelas forças militares durante a guerra contra o Paraguai.



Ah! Nesses transe, quantos corpos, quantos  
não ficaram, de velhos e crianças  
em sepulturas, onde os nossos prantos  
não vão dos mortos despertar lembranças!

Tantas noites passadas ao relento,  
sob nuvens e nuvens de mosquitos!  
Não é maior do pária o sofrimento!  
Nem mais cruel a sorte dos prescritos!

Quantos dias e noites nas campanhas,  
vendo a foice da morte sempre perto,  
não mourejou, entre visões estranhas,  
aquela gente por rumo incerto?!

Mas, à frente da exausta caravana,  
solícito, bondoso, todo zelos,  
Mello Bravo caminham de alma lhana,  
a repartir balsâmicos desvelos.

Às meigas virgens, de pureza linda,  
para esconder-lhes o crestado seio,  
as vestes dera na jornada infinda...  
Quase que nu nesta cidade veio!

Alma feita de amor e de bravura!  
Brilha no alto, cintila, resplandece!  
Serás pranteado em tua sepultura,  
onde um rosal de gratidão floresce.



## VELHO TAMARINDEIRO

Velho tamarindeiro onde brinquei um dia

e meu nome escrevi no teu córtex ruguento!

Tu o mesmo inda és, ou quase o mesmo ainda,

e eu quanto mudei!

A mesma orquestração de pássaros, de insetos,

canta, rumoreja e vibra nos teus ramos...

Meu nome, do teu tronco, o tempo consumiu!...

Se outros são os pássaros que amam nos teus galhos

e outros os insetos.

E tu amas o presente!...

Só a vida atual de sonhos veludíneos

filosofando gozas, vives, cristalizas,

na alegria feraz, indômita, cruel

de viver...

O passado, que importa? É tudo que já foi.

E o presente revive tudo o que passou!

– 1929 –



## S O N H O S

Sonhos que vão e que não voltam mais...

Meus sonhos idos...

Róseos, perfeitos, belos madrigais

de minha mocidade deliciosa!...

Sonhos negros que surgem na velhice,

de uma frieza gélida de tumba,

sonhos do presente!...

Elo que une as etapas da vida

e, contrastando as sensações sentidas,

conforta-me e anima-me!...

Sois vós todo o prazer do eu sensível

que em mim palpita!

Sonhos...

Ah! Quem dera se voltassem, minha Deusa,

os lindos sonhos que sonhamos juntos!

– 1928 –



## SUGESTÃO AO LUAR

A lua – uma velhinha a nos olhar...

E nós, tão moços – eu e tu assim

sob a luz do luar

qual dois velhinhos parecemos juntos,

cabecinhas brancas, muito brancas mesmo,

a rezar, a rezar.

As contas desfiando, uma a uma,

do rosário do passado!...

Eu e tu...

Coisas que lá foram gratas à lembrança.

Eu um homem já feito e tu uma criança;

um namoro feliz, um noivado depois...

Tanta cousa!...

Ciúmes inocentes,

arrufos para sempre,

que não duravam mais que a vida de um sorriso...

Ah! Que saudade este luar me traz...

E que desejo

de repetir contigo, minha amiga,

toda briga que outrora já tivemos!

– 1928 –



## NOITE DE INSÔNIA

Arpejos de violino...

Sons dispersos pelo ar...

A noite é toda negra de veludo!

Eu cismo!

Meu coração, um pêndulo oscilante,  
com um movimento isócrono, cruel,  
as horas que não durmo  
em contrações de dor vai registrando...

Noite de insônia!

Como em película vão quadros mudando  
na tela das ideias, um por um!...

Vejo-te então tal qual te vi outrora:  
pela tardinha, ao som do sino grande  
da velha catedral.

Num passinho gentil de pomba mansa  
indo ouvir a novena...

E os quadros vão mudando...

Mas, de repente, vejo-te risonha  
junto ao berço grácil de nossa filha...  
Tu sorris... Ela sorri – minh'alma canta...  
Pois esse quadro para mim, Divina,  
tem mais encanto do que todo encanto,  
que todo bem que já gozei na vida!

– 1928 –



## N O I T E

Noite – sensações, dor indefinida,  
qual se o céu, em espasmo de agonia,  
revestisse de crepe a alma dorida  
a lamentar a viuvez do dia!...

Imprecações de dúvida sentida  
a vagar pelo espaço. Melodia  
de uma orquestra ideal, desconhecida,  
sinfonia de um bem que a alma extasia!

Noite – paz dos espíritos aflitos!...  
É ninho de orações, sonhos benditos,  
que os corações dos bons vêm povoar!

Filha muda das Trevas, pelo espaço  
derramando com arte e sem cansaço  
um chuveiro de estrelas pelo ar!



## ESQUIVA

Olha querida, o amor é uma esquisita  
combinação de flores e de espinho:  
quanto mais tu me foges – que desdita!,  
tanto mais te procura o meu carinho...

Se dizes – “não” – esta minh’alma aflita,  
timidamente, mesmo de mansinho,  
teus olhos sonda para ver, Petita,  
se tu não mentes com essa voz de arminho.

Se te procuro, foges-te medrosa,  
só para ouvir esta minh’alma ansiosa  
vibrar de amor, nas pulsações da lira!...

Não compreendo não – sei que me adoras!...  
Dizes que não, senhora, e sei que choras  
por dizeres, a rir, essa mentira!...



## SE SOUBESSEM . . .

Se soubessem o grande sentimento  
que, mutuamente, as nossas almas tecem,  
quanta inveja, meu Deus, quanto tormento,  
se desse amor, talvez, todos soubessem!...

Mas ninguém sabe!... E, além, no esquecimento,  
cantando nossas almas adormecem,  
nas carícias fugazes de um momento,  
sob o fogo dos beijos que as aquecem!...

Ninguém sabe!... E tão grande é o nosso amor  
que o coração estorce-se de dor  
na alta agonia de contê-lo mudo...

E ninguém sabe!... Engano, minha amada.  
– Se nossos lábios não disseram nada,  
já nossos olhos revelaram tudo!



## CHANA<sup>16</sup>

Velha mucama negra que no seio,  
me acalentara outrora  
Corpo em arco, dobrado, pés descalços,  
cabecinha branca de algodão batido...  
Assim te vejo ainda  
na evocação risonha, enternecida,  
de minha meninice...  
Eu, criança terrível, em peraltice,  
quantas vezes, Chana, não te fiz sofrer,  
fiz-te chorar,  
vendo-me ao léu, vagando sobre as ondas,  
sob o ulular frenético, estonteante,  
das águas em revolta,  
de queda em queda,  
no poético e formoso Cuiabá...  
Hoje, evocando tua imagem meiga,  
velha negra curvada pela idade,  
sinto o doce amargor  
de uma terna saudade;  
um remorso dorido  
de não te haver compreendido,  
de não viver beijando tua mão de santa.  
Minha velha mucama,  
velha, tão velhinha,  
co'a cabeça branca de algodão batido.

oooooooooooooooooooo

16 Sobre esta poesia, num discurso na AML, Ulisses Cuiabano (1940, p. 96) comentou: “Eu também conheci Chana, a mãe preta, macróbia, com o seu xale de baeta vermelha, curvada, resmungando e sempre a ralar com os meninos, recomendando-lhes muito cuidado, quando íamos praticar o nosso esporte predileto, que era transpor a cachoeira do Manuel Pinto, em frágil ubá. [...] Bendita velhinha, feliz Feliciano Xavier, cuja memória ficou imperecedoura nas estrofes evocativas e rutilantes dessa delicada joia da nossa literatura regional”.



## CACHOEIRA

Por sobre o leito suave,  
vai o rio deslizando  
num murmúrio tão brando  
como um gorjeio de ave!...

Apenas, de quando em quando,  
a brisa, em leves cicios,  
suas ondas esfolando  
põe-lhe no dorso arrepios...

Tudo tão calmo, sem mágoas...  
Nas margens, verdes sarás  
molham suas folhas nas águas...  
Cantam na mata arancuás...

Mas lhe surge, de repente,  
como a vedar-lhe o infinito...  
de margem a margem, na frente,  
vil muralha de granito!

E aquelas águas tão mansas,  
revoluteando velozes,  
se tornam ondas ferozes,  
destilam ódios, vinganças.

Estruge, espuma, arrebenta,  
em cachões de água espumante,  
transpondo em luta cruenta  
a muralha, triunfante...



E, depois dessa vitória,  
vai o rio sempre ufano  
desfazer-se dessa glória,  
na vastidão do oceano.

Ah, como lembrar nos faz  
essa luta tão insana  
o epínício falaz  
dos sonhos da vida humana!



## F E L I Z . . .

Feliz daquele que, nos seus pesares  
de uma vida de mágoas e tormento,  
se sentir preso pelos teus olhares,  
se ver escravo do teu pensamento.

Feliz daquele que, nos seus penares,  
como um consolo a lhe trazer alento,  
qual um beijo de luz sobre os altares,  
tenha a luz dos teus olhos por momento.

Feliz, Senhora, mais feliz por certo,  
quem nas agruras de um viver deserto,  
tenha tua alma por sagrado nume...

E, acorrentado pelo teu desvelo,  
sinta o amargor pungente do teu zelo  
na gaiolinha azul do teu ciúme.



## RITMOS NOVOS

Secaram-se as fontes veludíneas  
dos meus sonhos gentis da juventude!...

Versos?...

Ah! Quem dera fazê-los, hoje em dia,  
como segrega a flor, do seio da corola,  
o perfume sutil que na amplidão ascende,  
nas sanguíneas manhãs destes dias de Maio...

A mocidade passa...

E com ela também, pouco a pouco, se esvai  
toda a glória ideal que a nossa mente aquece.  
Nossos lábios, que outrora decantavam versos,  
hoje, trêmulos, indecisos, fatigados,  
murmuram soluçando um rosário de preces...

A mocidade passa...

E a velhice nos traz uma amargura intensa,  
um desejo incontido,  
uma ânsia cruel

de volvermos, de novo, ao passado longínquo  
e vivermos, outra vez, toda a vida vivida,  
toda a mágoa chorada  
dos dias que já foram e não virão jamais.



## S A U D A D E

Branca, suave, leve como o arminho,  
irmã gêmea da olímpica Esperança;  
enche, da vida, o rústico caminho  
de profusão, de sonho, e de bonança.

Nasce do amor – é filha de carinho.  
No passado risonha ela nos lança.  
É síntese ideal – é doce ninho  
de coisas agradáveis à lembrança...

Vislumbre do passado no presente.  
Reticência de amor, d'uma alma crente,  
d'almas de noivas puras e discretas...

Vozes dum bem, que já nos vai bem longe,  
de uma tristeza angélica de monge  
a soluçar na lira dos poetas.



## RENASCIMENTO

Ontem, hoje, amanhã... Assim meiga ilusória  
a vida se transcorre e mui furtiva passa.  
Às vezes nos segreda uns mil sonhos de glória,  
outras vezes nos bafeja um sopro de desgraça!...

Se o futuro nos canta um hino de vitória,  
o presente sorrindo em dores nos enlaça...  
E o passado, quem sabe?, é uma tristonha história  
de um sonho já desfeito em flocos de fumaça.

Ontem, hoje, amanhã – toda a gama da vida!  
Nessa luta feroz, quanta gente vencida  
se lamenta sozinha, engolfada na dor?...

Homem, trazei na luta a fronte alevantada.  
Cada ilusão que morre, em si, traz a alvorada  
de uma nova ilusão desabrochando em flor.



## ESTADO D'ALMA

Hoje o dia está triste e o céu nublado.  
Vejo em tudo uma lágrima escondida...  
Há pelo ar um dobre de finado  
e o tédio a bocejar sinto na vida.

Todo o meu ser se estorce contristado  
numa agonia imensa e dolorida...  
Sinto um grande desejo incontentado  
de uma beleza vaga e indefinida!...

No desejo de um bem, ansiosa e presa,  
a receber os beijos da saudade,  
fica minh'alma enregelada e fria!...

E é tanta a dor que este meu peito invade  
que nem sei se é do dia essa tristeza  
ou se é minh'alma que entristece o dia!...



## A M A R C H A D A S H O R A S

Manhã... Policromia angélica de cores...  
Um *allegro* de sons pela floresta imensa...  
Por toda parte a vida a palpitar intensa  
na confusão de sons, de formas e de flores.

Tarde... Um rosário ideal de penas e de dores  
nos convida a rezar e a meditar na crença;  
sob um manto ideal como um mortal que pensa  
vai o sol tristemente escondendo os fulgores.

Noite... O luar sacudindo os cabelos de prata  
faz lembrar a anciã, cuja trança desata  
no estertor glacial dos últimos arrancos.

Qual o dia também nossa vida assemelha:  
manhã, a tarde, a noite – a última centelha  
de uma luz de luar – nossos cabelos brancos.

– 1929 –







# *Crisálidas*

A poesia é a flor da alma, é um perfume  
dos belos sonhos e das ilusões;  
é o encanto, a luz que em si resume  
a Sinfonia azul das perfeições...

Voa, aureolada de esquisito lume,  
pela plaga ideal das sensações,  
a alma do poeta, belo nume!...  
Apoteose doida de visões!

Plaga ideal... Ali mora a poesia!...  
Ali minh'alma foi, meiga e sombria,  
saber amar - para poder amar-te!...

CRISÁLIDAS - é alma de minh'alma.  
Guarda-o, querida; e, se tiver a palma,  
a glória é tua - porque és a Artel...



Realização